

912 Esp. 21 a

ILUSTRAÇÃO



A N O
5.º -

Lisboa, 16 de Setembro de 1930

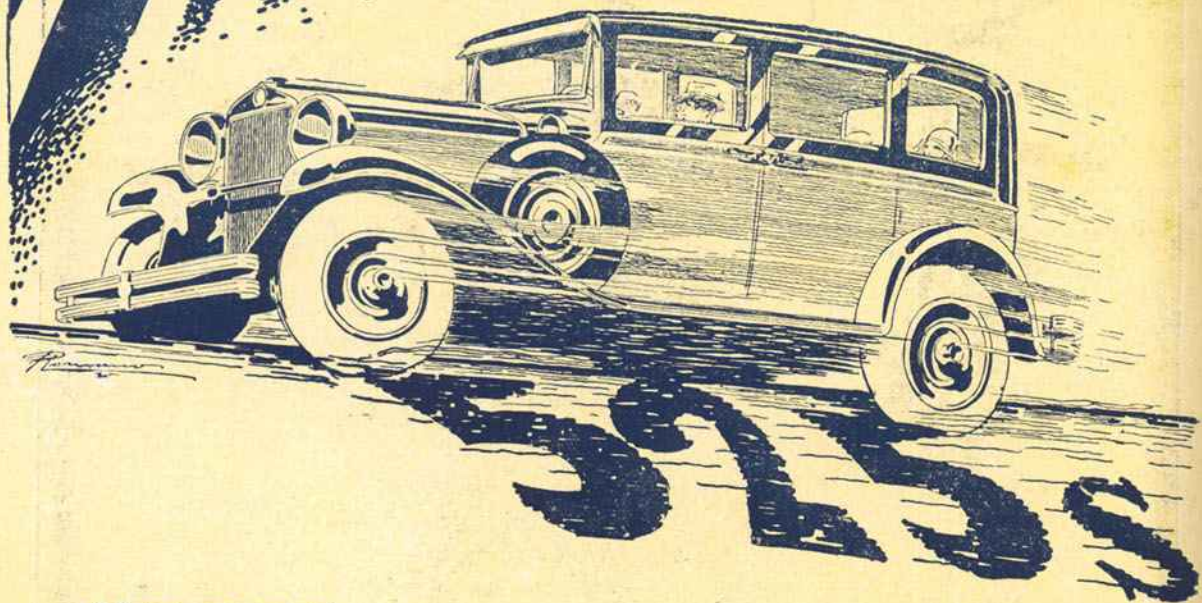
PREÇO - 4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Número

- 114 -

FIAT



O "525^S,"

É O MAIS SPORTIVO DOS CARROS DE TURISMO
O MAIS TURÍSTICO DOS CARROS DE SPORT

Grande potência e elasticidade de motor, suavidade e silenciosidade de marcha. Travões potentes e eficazes. Carrosserie cómoda e luxuosa

EXPERIMENTAI-O!

O "525^S," pode ser fornecido com culatra especial de super-compressão e duplo carburador, mediante um pequeno suplemento. Este dispositivo permitindo-lhe atingir a velocidade de 130 quilómetros à hora

FIAT PORTUGUEZA S. A.

PALACIO DA AVENIDA: Avenida da Liberdade, 253
LISBOA - Tel. N. 2928

Rua de Santa Catarina, 122
PORTO - Tel. 1094



O tempo da praia

Quem poderá descrever a beleza incomparavel dos dias passados á beira-mar, a animação dos grupos que se formam á sombra dos toldos, a alegria dos banhistas balouçando-se nas ondas, os incidentes cómicos que surgem constantemente enchendo a praia de vida, de movimento!

As férias na praia
exigem um
“Kodak”

Só podereis fixar essas encantadoras recordações com um «Kodak», que tão facilmente aprendereis a manejar e que vos dará belas fotografias! E graças á sua longa prática — a mais longa no fabrico de aparelhos de amador — a Companhia Kodak põe á vossa disposição dezenas de modelos, entre os quais podereis escolher o aparelho que mais convenha á vossa bolsa,

«Kodaks», desde 130\$00
«Brownies», desde 70\$00



Esta placa indica-vos os bons estabelecimentos de artigos fotográficos, onde em poucos minutos vos ensinarão o manejo do vosso «Kodak» e onde podereis adquirir Pelicula «Kodak» — a pelicula usada pelos bons amadores de todo o mundo—Papel Velox e todos os artigos Kodak

Kodak Ltd., R. Garrett, 33-Lisboa



MARCA ADORAVEL QUE A MULHER DESEJA
OS MELHORES PERFUMES
OS PRODUTOS "BENAMOR" SÃO PERFUMADOS COM ESSENCIAS DE NALLY

FLIT



Mata todos os insectos
mais depressa.

FLIT



Defendei-vos das
imitações

FLIT



O "Sal de Fructa" ENO, consagrado por sessenta anos de verdadeiros sucessos em todo o mundo, é o remedio mais eficaz para corrigir todas as irregularidades resultantes das perturbações do aparelho digestivo. De preparação salina efervescente, exempto de sal mineral purgativo, o ENO tem uma acção branda e suave, podendo-se tomar em todas as idades e em todas as estações do ano.

Uma colher, duas de cafe, num copo de agua pela manhã e a noite.



Depositarios em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD.
8, Caes do Sodré, LISBOA.

OLHAR QUE FASCINA

com o ondulator KURLASH
das pestanas

Que é um engenhoso aparelho que permite com o Fard Rodal Cosmético, em alguns segundos, arquear as pestanas tal como nós vemos nas actistas de filmes norte americanos. Transforme as suas pestanas em furtas e longas com os produtos VILDZIENNE e ondulate-as com KURLASH.

ACADEMIA SCIENTIFICA
DE BELEZA

— As mais luxuosas instalações —

Directora: M.^{me} CAMPOS

Peça catálogo gratis e 3 amostras 8800 e transforme em 3 dias a sua pele numa Beleza incomparavel!

AVENIDA DA LIBERDADE, 35



"EVA,"

Uma linda

capa

Uma elegante primeira página
— Uma sensacional página central —
Os mais lindos figurinos
A maneira rápida de preparar os sacos porta-sombrinhas

PRIMOROSA COLABORAÇÃO LITERÁRIA: Artigos, Crónicas, Critica literária, Conselhos e adivites, Culinária

ESTABELECIMENTO THERMAL DO PARQUE ESTORIL

PISCINA

ABERTA TODOS OS DIAS,
das 7 ás 20 horas, terminando a entrada ás 19 1/2

CURSOS DE NATAÇÃO

APRENDIZAGEM

Professor: Ex.^{mo} Snr. JOSÉ TOROK
Em dias e horas a combinar

APRENDIZAGEM DE ESTILOS E APERFEIÇOAMENTO

Ás segundas, quartas e sextas feiras das 18 ás 19 1/2 horas

Este curso é dirigido obsequiosamente
pelos Ex.^{mos} Srs. ESTEVAM TOROK
e ANTONIO SILVA

SALTOS CLASSICOS E ARTISTICOS

Ás terças, quartas e sabad-s, das 18 ás 19 horas
Professor obsequioso: Ex.^{mo} Sr. EMILE RENO

INSCRIÇÃO

Todas as pessoas que desejem frequentar qualquer destes cursos deverão inscrever-se nas folhas que se encontram na bilheteira.
Esta inscrição é gratuita.

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30 — LISBOA

TRICROMIA

DESENHO

TRABALHOS DE
GRANDE ARTE

TRABALHOS
COMERCIAIS

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS
GRATIS

**SECÇÃO ESPECIAL
DE PUBLICAÇÕES
PERIODICAS ULTRA-
- - - RÁPIDAS - - -**

E' nas oficinas desta
Sociedade que se im-
primem todos os be-
los trabalhos grá-
ficos de

Ilustração

Magazine Bertrand

O Volante

**Historia da Litera-
tura Portuguesa
(Ilustrada)**

**O Comercio
Português**

Almanach Bertrand

As mais modernas insta-
lações do paiz e aquelas
que maior capacidade de
produção possuem - - -

**COMPOSIÇÃO
MECANICA**

...Pouco tempo



depois de ter tomado os primeiros comprimidos cessou todo o meu mau estar e no dia seguinte pude cumprir com os meus deveres parlamentares. Desde então não deixo de possuir a CAFIASPIRINA Bayer, que conquistou não só a minha admiração como também a de toda a minha família, a qual, seguindo o meu exemplo, recorre a ela sempre que disso tem necessidade.

... Assim pensa um como tantos outros. Va. Exa. mesmo se convencerá.

CAFIASPIRINA

nos traz o bem estar, alivia o cerebro e não ataca o coração nem os rins.

Muito melhor do que eu e muito mais facilmente

LE VÉRASCOPE RICHARD

dá a illusão da realidade e do relevo.

É um aparelho extraordinário



FORMATS 43 107 6-12 7 13

L'HOMÉOS
LE GLYPHOSCOPE
LE TAXIPHOTE

CATALOGO GRATIS A QUEM O SOLICITAR



5th A^{ve} des Etabliss^{ts} JULES RICHARD. 25 Rue Mélingue Paris
Magasin de Vente: 7 Rue La Fayette Paris

MOSAICOS CERAMICOS

Nenhum pavimento iguala, na beleza e harmonia dos desenhos, na resistência no fácil acido, os pavimentos que se formam com os nossos mosaicos cerâmicos.

Para o confirmar basta ver os seus efeitos em muitos dos nossos edificios públicos, estações de caminhos de ferro, hospitais, etc.

Nas casas particulares, que o diga quem o tem aplicado nas casas de banho, nas cozinhas, nos halls, nos terraços, etc.

FABRICA DE LOIÇA DE SACAUEM

SÉDE:

LISBOA — Rua da Prata, 126 a 132

PORTO — 40, Rua das Carmelitas

O excesso de ácido úrico é perigoso para todos, porque provoca um envenenamento do sangue. É o principal causador do Artrismo. É uma verdadeira grilheta que se pôde arrastar toda a vida. O tratamento mais eficaz, fácil e económico consiste em usar sempre a água preparada com

Lithinés du Dr Gustin

É o melhor regime a seguir, por sãos e doentes, para se preservarem das afecções produzidas pelo excesso de ácido úrico, como:

Reumatismo, gôta, calculos, colicas nefríticas e hepáticas, sciática, diabetes, etc.

Sómente por esta forma se evitará o envenenamento urático e suas consequências.

Acido urico



Não confundir com as imitações.

Aos Estudantes dos Liceus e aos Professores

Recomenda-se a Coleção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são :

- | | |
|---|------------------------------|
| 1 — Camilo Castelo Branco
(2.ª edição) | 16 — Gil Vicente |
| 2 — Fialho de Almeida (2.ª
edição) | 17 — Camilo e o Centenário |
| 3 — Os melhores sonetos bra-
sileiros (2.ª edição) | 18 — Júlio Denis |
| 4 — Alexandre Herculano | 19 — Júlio Dantas |
| 5 — Gomes Leal | 20 — Ex-libris |
| 6 — Eça de Queiroz | 21 — Sonetos contemporâneos |
| 7 — Guerra Junqueiro | 22 — Sá de Miranda |
| 8 — Eugénio de Castro | 23 — Nicolau Tolentino |
| 9 — Os eternos sonetos de
Portugal | 24 — Garcia de Rezende |
| 10 — A Batalha (2.ª edição) | 25 — Latino Coelho |
| 11 — Bocage | 26 — Soror Mariana |
| 12 — Marcelino Mesquita | 27 — Ramalho Ortigão |
| 13 — As mais lindas quadras
populares | 28 — D. João da Câmara |
| 14 — António Nobre | 29 — H. Lopes de Mendonça |
| 15 — Marquesa de Alorna | 30 — A Cerâmica |
| | 31 — Cartas de Soror Mariana |
| | 32 — Júlio Cesar Machado |
| | 33 — Manuel Bernardes |
| | 34 — Gonçalves Crespo |
| | 35 — Fernão Lopes |

Preço de cada volume da coleção: 2\$50

A venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11 e nas outras livrarias.

Biblioteca dos pequeninos

DIRECTORA :

D. Emilia de Sousa Costa

NAS PRAIAS E CAMPOS — Recomenda-se ás
nossas crianças a leitura do formoso livrinho

BAZAR DE BRINQUEDOS

DE
D. GRACIETE BRANCO

*Lindos contos e sugestivas ilustrações
de Alfredo de Morais*

PREÇO 5\$00

A' venda em todas as livrarias e na Filial do
«Diário de Notícias», Largo de Trindade
Coelho, 10 e 11.

Encontra-se á venda o

Almanach Bertrand

FUNDADO POR FERNANDES COSTA E COORDENADO POR D. MARIA FERNANDES COSTA

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

*A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portu-
guesa. — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO. — Colaborado pelos
melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros. — Passatempo e En-
ciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito
interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos*

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente. **18\$00**

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

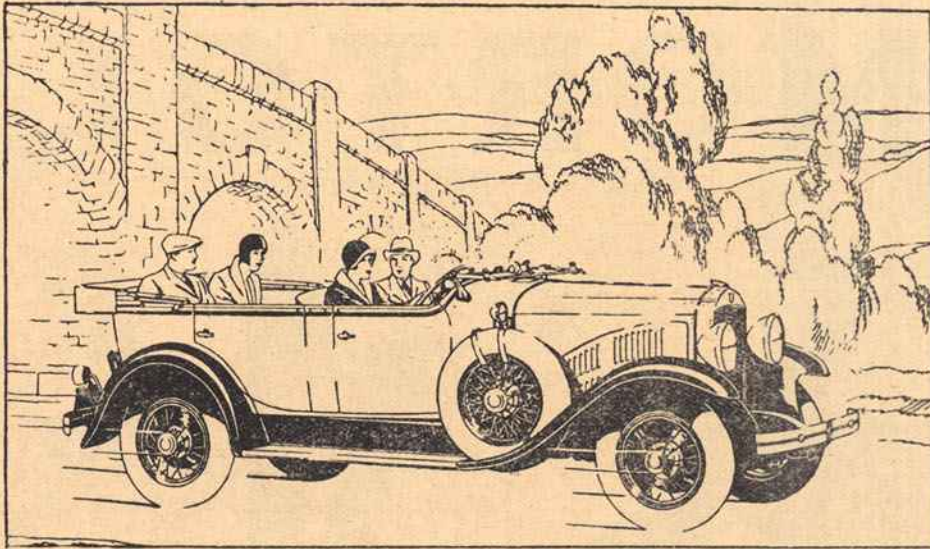
PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

32.º — ANO — 1931

REO*



Os proprietários de um REO disfructam de um bom funcionamento e de grande commodidade

O magnifico funcionamento do REO é muito apreciado pelos seus proprietários porque vae acompanhado de outras qualidades não menos desejaveis, como sejam: grande commodidade, economia e longa duração.

Os automoveis REO estão provistos de molas largas e flexiveis e os seus assentos são excepcionalmente largos e offerecem amplo espaço para as pernas, factores estes que contribuem para tornar agradaveis todas as viagens, por muito longas que sejam.

**REO são as iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da industria automotriz, fundador, com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e actual Presidente do Conselho de Direcção da dita firma.*

AGENTES GERAES
CONTRERAS & GARRIDO, Lda.
 Avenida da Liberdade, 165-171
 LISBOA :: Telf. N-6796 e N-789

AGENTES NO NORTE
ANTONIO MARQUES DA FONSECA
 194, Rua Augusto Rosa -- PORTO

REO MOTOR CAR

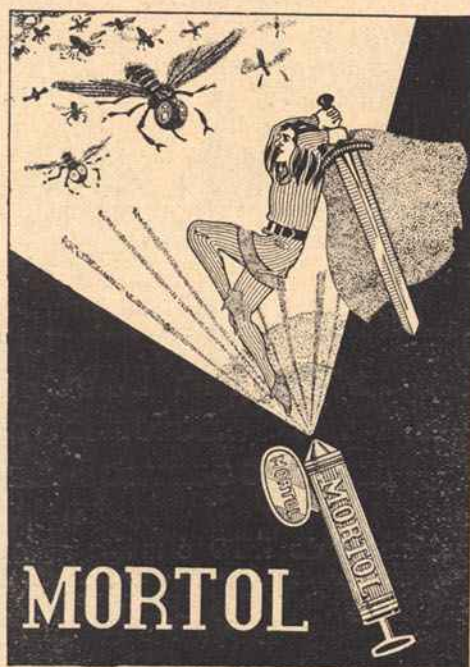


COMPANY - LANSING

**EIS O INSECTICIDA LIQUIDO
POR EXCELENCIA**

MORTOL

(MARCA REGISTRADA)



O INSECTICIDA MORTOL

**POSSUI UMA EFICÁCIA DE 30 % SUPERIOR
A QUALQUER OUTRO**

A' venda nas principais drogarías, mercearias, etc., e por grosso na

Shell Company of Portugal, Limited

RUA DO CRUCIFIXO N.º 49

Delegações em Porto, Coimbra e Faro

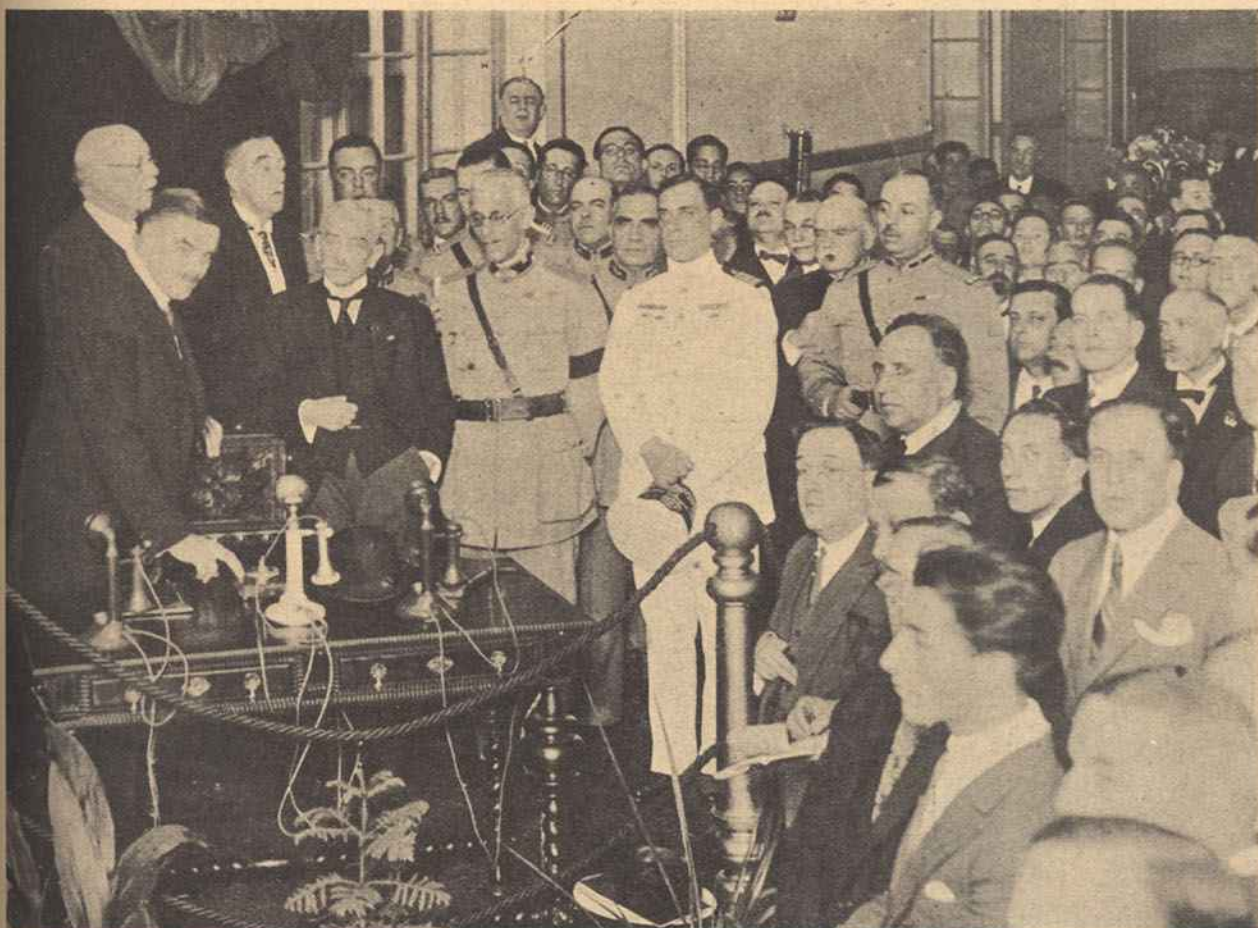
Agencias em todo o País

JÁ TEMOS O AUTOMÁTICO!!!

COLOCANDO A NOSSA CAPITAL NUM PLANO DE PROGRESSO MAIS AVANÇADO DO QUE A MAIORIA DAS CAPITALS EUROPEIAS, A COMPANHIA DOS TELEFONES MODIFICOU TOTALMENTE AS SUAS INSTALAÇÕES, TRANSFORMANDO OS SEUS SERVIÇOS EM AUTOMÁTICOS. RÁPIDAMENTE O PÚBLICO LISBOETA SE HABITUOU À FRUIÇÃO DE MAIS ESTE CONFÓRTO MODERNO. POR ESTE MOTIVO, OS TELEFONES DA «ILUSTRAÇÃO» PASSARAM A TER OS SEGUINTES NÚMEROS :

Director e redacção 21467
Director delegado, assinaturas e administração 23132
Publicidade 20535
Officinas Gráficas 20537

TODOS ESTES SERVIÇOS FUNCIONAM NORMALMENTE DAS 10 ÀS 18 HORAS, DEVENDO TODOS OS ASSUNTOS, FORA DESTAS HORAS, SER TRATADOS COM O DIRECTOR.



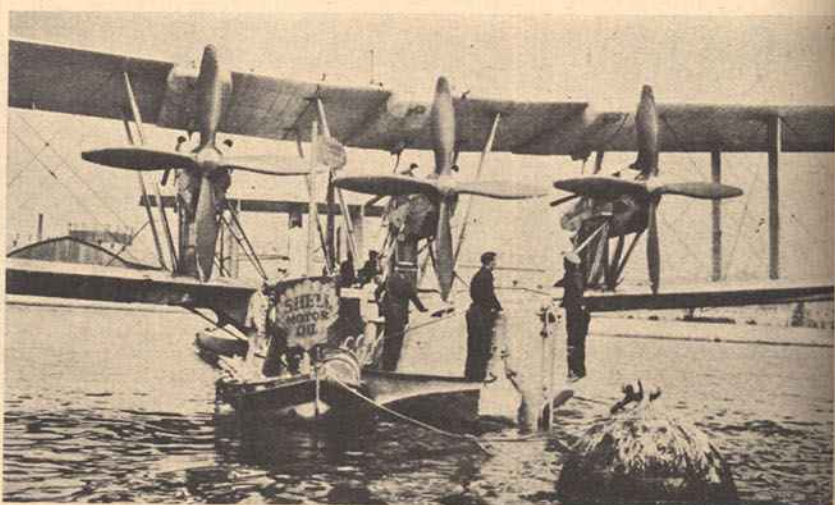
Aspecto da cerimónia da inauguração dos serviços telefónicos automáticos de Lisboa. O Senhor Director Geral da Companhia pedindo ao Senhor General Carmona que efectuasse a ligação inaugural (Foto «Ilustração»)

POR CÁ E LÁ POR FORA



O presidente da República peruana, Augusto Leguía, a cujo governo tirânico deu fim um levantamento geral e que está preso para responder pelos seus abusos

(Foto Orrico.)



O hidro-avião inglês, trimotor, «Iris», que visitou o Tejo a caminho de Gibraltar. Esta poderosa aeronave com sumia apenas gasolina e óleos «Shells»



O explorador dos géos polares Salomon Andrée, desaparecido com o seu balão, em 1897, nas cercanias de Spitzberg e cujo corpo acaba de ser encontrado, em circunstâncias sensacionais, na Ilha Vitória, perto das Terras de Francisco José

(Foto Orrico.)

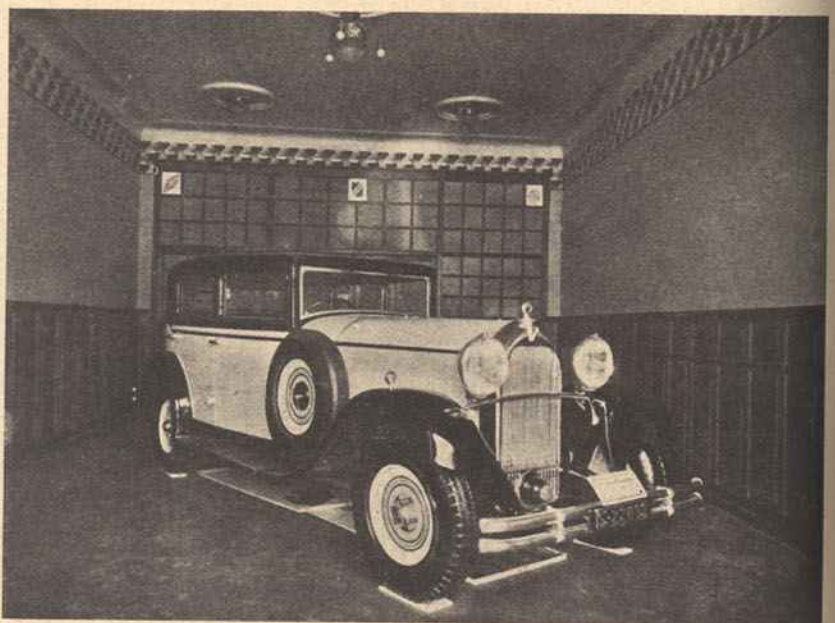


A «Junção do Beus», prestimosa agremiação de beneficência, homenageou o sr. Governador Civil de Lisboa, no seu sanatório infantil de Oeiras

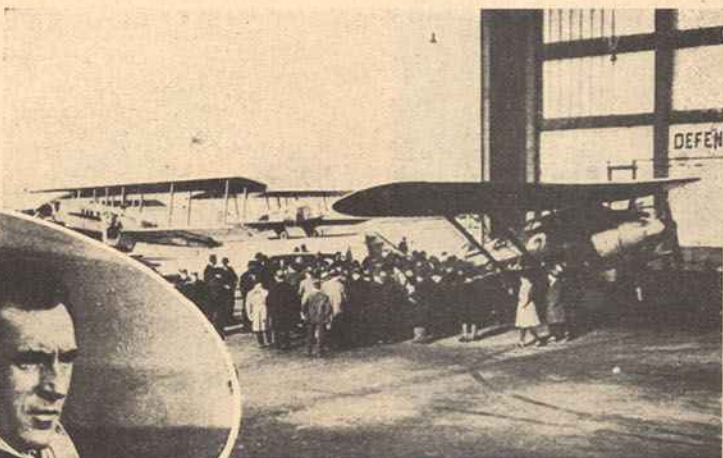


O ex-presidente Irigoyen, da Argentina, deposto pelo movimento revolucionário do general Uriburú, depois de renhidos combates

A DIREITA—O magnífico auto «Talbot» de 8 cilindros em linha, cuja exposição em Lisboa causou grande sucesso



ACTUALIDADES DA QUINZENA



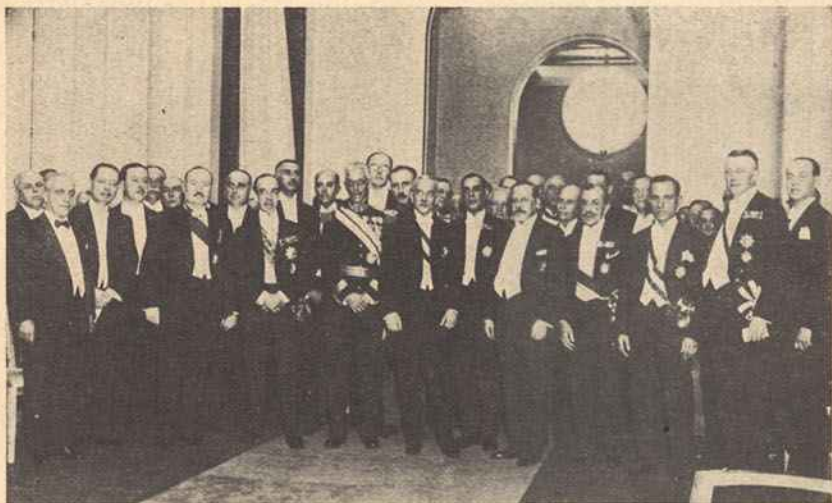
PARIS-NOVA YORK EM AVIÃO — Pela primeira vez o Atlântico Norte foi atravessado num só voo por Costes e Bellonte no seu avião «Le Bourget». Em cima — O avião ao ser retirado do hangar de Le Bourget.

NO OVAL, da esquerda — Costes e Bellonte, os vencedores do Atlântico Norte, fotografados de madrugada, antes de empreender o seu voo.
(Fotos Orrios.)



O arquiduque Alberto da Hungria, que acaba de renunciar publicamente aos seus direitos de sucessão na coroa para se casar, tendo partido para o Brasil, onde vai estabelecer-se como comerciante.

(Foto Orrios.)



O Senhor General Carmona e os membros do governo, corpo diplomático e altas individualidades que assistiram ao banquete de gala de inauguração do Palácio Hotel do Estoril, suntuosa edificação, a mais notável do país no seu género.

(Foto Ilustração.)

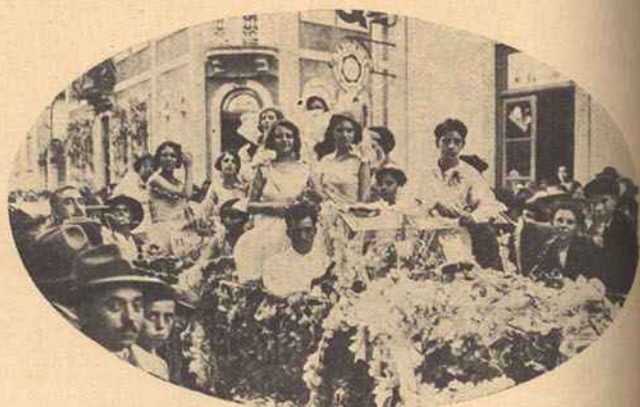


A ESQUERDA — Depois dos torneios de Wimbledon, realizaram-se as aristocráticas partidas de tennis amais nos courts de Lady Wawertress, em benefício das crianças pobres. Durante um intervalo, o Sr. D. Manuel de Bragança, ex-rei de Portugal, pousou, num selecto grupo, especialmente para o correspondente fotográfico da «Ilustração». — Da direita para a esquerda: Henri Cochet, o famoso campeão, Mrs. H. Lysett, Miss Sarah Palfrey, D. Manuel de Bragança, Miss Betty Nuthall, Mrs. F. Carnley Whittingstall, Miss E. H. Harvey, Miss Elizabeth Ryan, etc.

(Foto Orrios.)

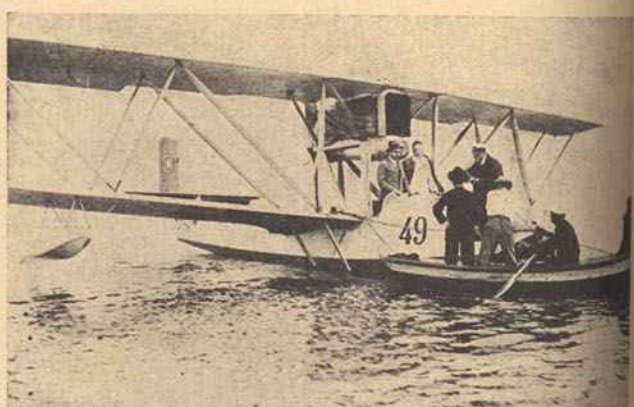


AS FESTAS DA SENHORA DA AGONIA EM VIANA DO CASTELO — NOS TRÊS MEDALHÕES DE CIMA, DA ESQUERDA PARA A DIREITA — TRÊS BELOS saltos dos denodados cavaleiros Mena e Silva, Ivens Ferraz e Rosas, no Concurso Hípico. EM BAIXO, À ESQUERDA — Assistência elegante ao Concurso Hípico, vendo-se a ilustre família dos srs. condes de Vilas Boas. À DIREITA — Algumas das mais lindas assistentes no Concurso Hípico. (Fotos especiais para a Ilustração do distinto fotógrafo Aureliano Carneiro)



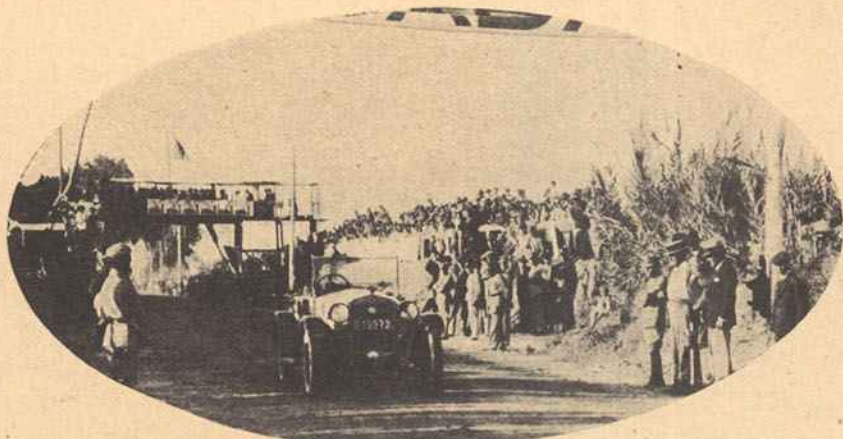
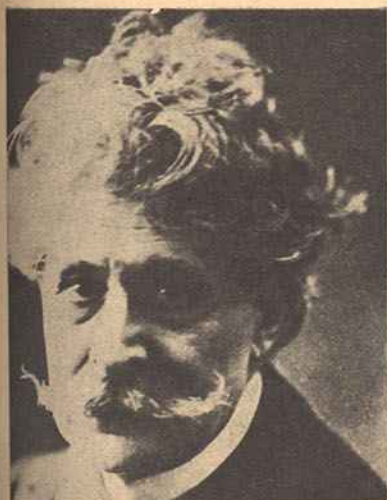
EM VILA DO CONDE — Aspecto da elegante assistência às corridas de cavalos ultimamente realizadas nesta linda praia

EM CALDAS DE VIZELA — Aspecto da batalha de flores realizada com entusiasmo nesta bela estância termal. O carro que obteve o 1.º prêmio



NO PORTO — Os escoteiros que fizeram colônia de férias na bela praia da Granja visitaram as autoridades portuesas, entre elas o Governador Civil, que se vê ao centro do grupo. (Foto A. Martins)

EM VIANA — O hidro-avião 49, da base de São Jacinto, forçado a amarrar ao rio Lima, devido ao intenso nevoeiro, no trajeto de La Guardia para Aveiro. (Foto Aureliano Carneiro)



As festas das Caldas da Rainha. Um aspecto da chegada dos concorrentes à corrida de automóveis
A ESQUERDA:— Georges de Porto-Riche, o glorioso dramaturgo francês, o autor genial da «Amoureux», falecido há dias. (Foto Ortolos).

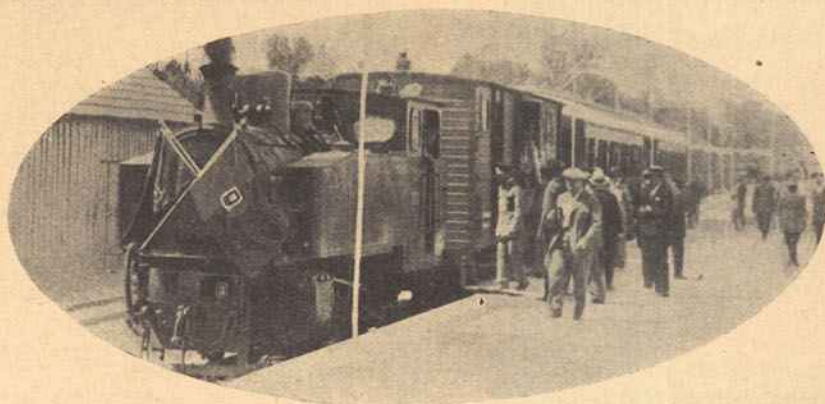


João Galweiler, moço automobilista que venceu o «rallye» das Caldas da Rainha

Chegada à estação de Porto de Mós do primeiro comboio que inaugurou o troço do Caminho de Ferro do Lena (Martimanga-Pinheiros-Patalha-Porto de Mós), com a presença das entidades oficiais, linha de interesse turístico e industrial que pertence à «The Match & Tobacco Timber Supply Co.»



A DIREITA:— Na estação de Pinheiros, uma paragem do comboio inaugural que conduzia as entidades oficiais, imprensa e directores da Companhia



EM BAIXO:— O sr. ministro do Comércio, dr. João Antunes Guimarães, com as entidades oficiais, convidados e directores da Companhia, em Porto de Mós, antes do almoço que lhes foi oferecido

(Fotos «Ilustração»)



O eminente poeta Teixeira de Pascoais, glória das letras portuguesas contemporâneas, que foi objecto duma calorosa homenagem luso-galaica, há dias, em Viana do Castelo



Nas praias alemãs, o culto da saúde e do ar livre domina os pruridos de elegância.



Um sorriso bem parisiense, em Deauville

AS ÚLTIMAS PRAIAS



Doas bellades fazendo moldura ao Atlântico, na Praia das Maças

NO OVAL, da esquerda — Uma «marujinha» deliciosa, em plena praia de Alassio, na Itália

EM BAIXO — Os que mais gosam à beira-mar. Os miúdos, ao sol, na Costa do Sol



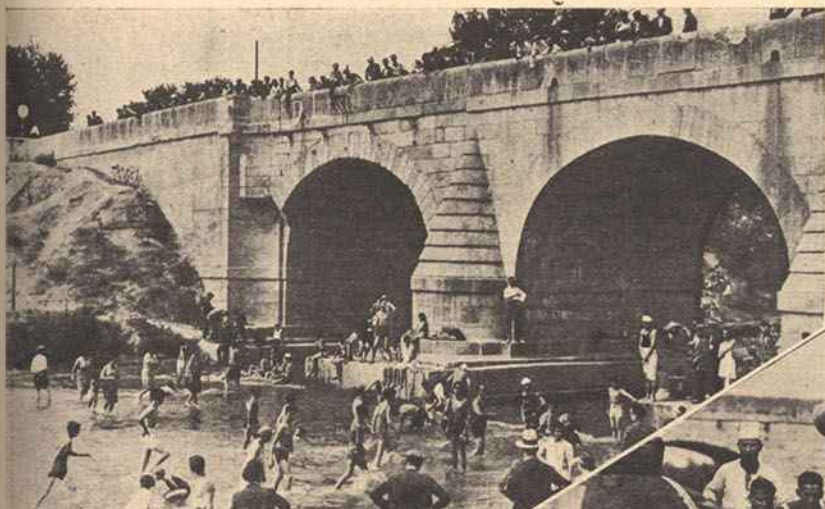
Um lindo par de pares de calças, em San Sebastián

(Fotos Orrios, H. de Novais e Tárres de Carvalho)

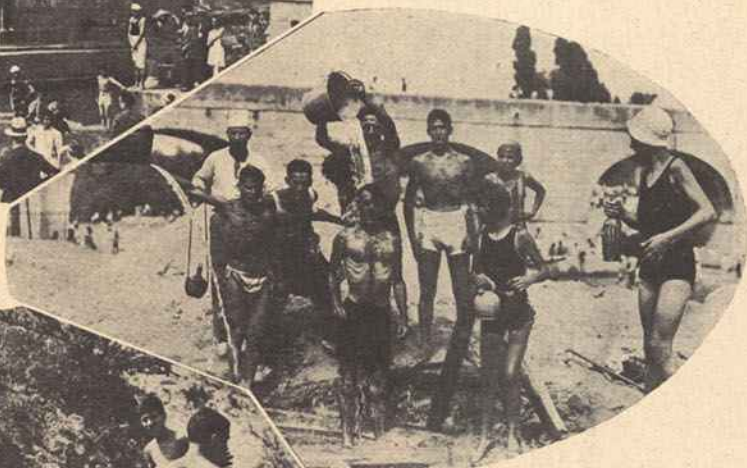


MADRID

PRAIA DE BANHOS



As «praias» do Manzanares... Vista geral da praia improvisada pelos que não têm dinheiro para praias...

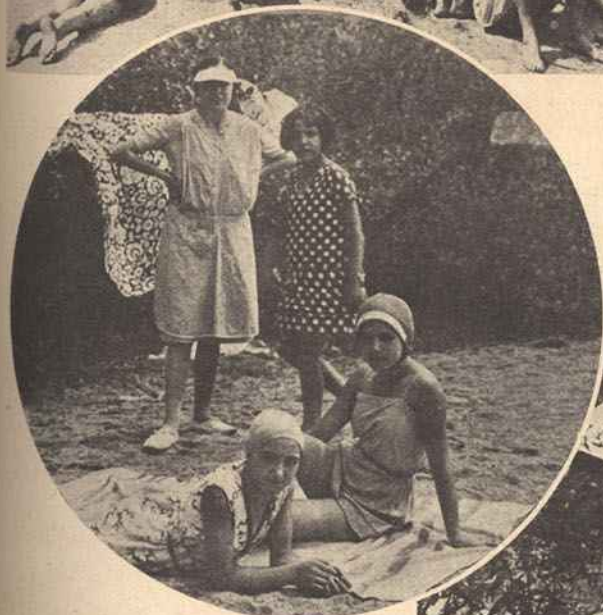


Não há água no rio!... Deixá-lo! Os poços artesianos, os baldes e a imaginação transformam a séca em catarata do Niagara



A peregrina idéia dum camaráta madrileño que propôs se improvisasse uma praia de banhos em Madrid, com água encanada, ondas asportadas à máquina e areia escolhida ou artificial, veio-nos sugerir esta curiosa reportagem. Madrid, cidade culminante da meseta ibérica, em plena Castela, árida e seca, é uma das cidades em que mais sofre com o calor a gente menos abastada. Mas o madrileño é alegre e improvisador e se não tem pequetas para ir a San Sebastian, pelo menos tem alegria e inventiva para transformar o delegado fio de água do ribeirinho mármuro que é o Manzanares, em estância balnear cheta de pitoresco. E ali, chapinhando nuns decilitros de água, espera o momento de apaludar em couplets e estribillos o torcedor salado que lhe organize, mecânica e quimicamente, uma superior do Sardinero ou de La Concha no lago do Retiro. E vive da quinta... Bem provável, afinal, na cidade sem água onde se bebe dos contadores, sob os maiores calores, a fresquíssima e deliciosa água do Lorzoya, que toda a Europa importa, engrafada, como especialidade requintada. Com que amargor constatamos este bem-estar, nós os lisboetas da beira-mar, condenados toda a estigão à sede da péssima água do Alviela!...

Um mergulho no Manzanares que equivale a um banho de pés, e depois, sobre as acidentadas margens um banho de sol. Um elegante, em toda a parte é elegante...



As mais elegantes banhistas do Manzanares recrutadas talvez entre as humildes e graciosas «modistillas» de Madrid

A DIREITA—Entre as árvores da margem, com lençóis e toalhas, improvisam-se sombras que servem para os que não tomam banho tomarem... vinho!!





«Madames A. Beauvalet, illustre cantora, deliciosa intérprete, na passada temporada musical, do grande successo «Je n'ai qu'un amour, c'est toi», a célebre valsa de «Prémio de Belezas»

A ESQUERDA — A linda senhora D. Antónia de Faria, cujo falecimento no Rio de Janeiro causou enorme impressão, segundo um belo retrato pintado em Buenos Aires pelo célebre pintor italiano Prof. Boni

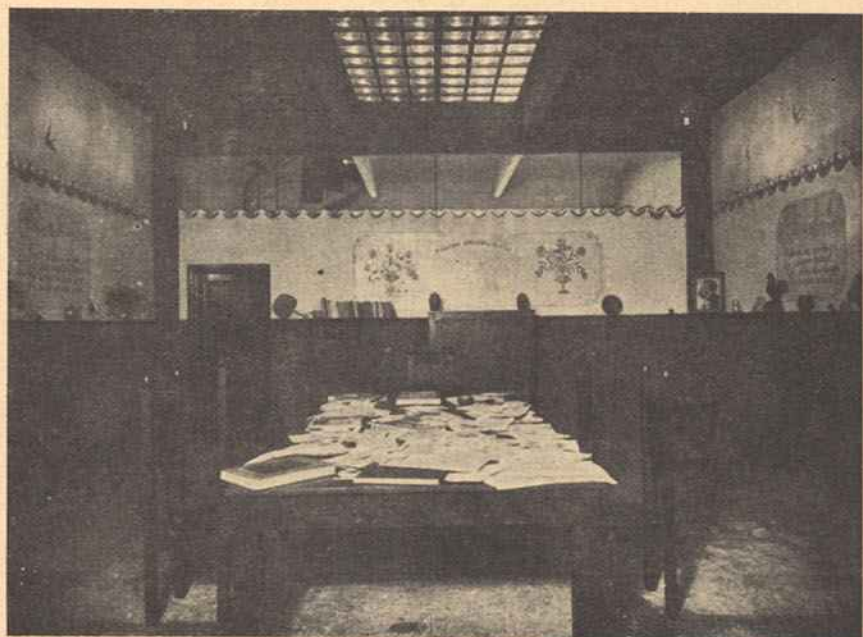
NO OVAL, em baixo — O último retrato de D. Antónia de Faria, tirado algumas horas antes do seu trágico falecimento, a bordo do «Cap Arcona», em Santos, com seu pai, o sr. Marquês de Faria, o sr. Comendador Alfaia Rodrigues e o dr. Ribeiro dos Santos e família



O Ilustre clinico dr. Machado de Almeida, que acaba de publicar um notável trabalho sobre «Reflexoterapias», destinado a um retumbante successo



O eminente artista Julião Machado, que a morte acaba de surpreender em meio da tarefa beneditina de executar as iluminuras para a edição nacional dos Lusíadas. (Foto San Payo)



Chegada a Lagoa (Algarve), terra da sua naturalidade, do illustre general Teófilo da Trindade, presidente da Junta Autónoma de Estradas, convalescente do desastre de que ia sendo vítima
(Foto do illustre amador António Rogado)

A ESQUERDA — A «Sala Portugal» do novo jornal Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, de que é director o dr. Denis Júnior, e chefe da secção portuguesa Simões Coelho. As decorações são de Saúl de Almeida, artista português que vive no Brasil

MUSEU DO PRADO

MADRID



CORREGIO

A
descida
da
cruz

QUINZENA

O atletismo feminino, coisa que entre nós é tão pouco conhecida em absoluto, desenvolveu-se nestes últimos meses extraordinária actividade por toda essa Europa, na preparação dos III Jogos Mundiais femininos que neste momento se devem disputar em Praga.

O incremento da prática desportiva nesta última década, as tendências liberais da educação feminina, levaram a mulher ao desejo de namorar com o homem na prática dos desportos especializados, abrindo um caminho em que os excessos são frequentes e as vantagens mínimas.

O foot-ball, o hockey, o próprio rugby, são praticados por numerosas equipas femininas e ninguém poderá afirmar qual o proveito que daí advém para as suas praticantes.

Devemos nunca esquecer que a educação física



A atleta alemã Heublein, que bateu o record mundial feminino do lançamento do peso
(Foto Orrios)

Parece-nos ótimo que a mulher corra ou salte, mas por prazer próprio, na ansia natural da liberdade e do movimento; concursos, campeonatos, máximos, são designações do género masculino.

Há, no entanto, muito quem não pense assim e as atletas seguem afirmando, por esse mundo fora, um valor que lhe invejarão alguns dos nossos segundos planos. Eis a lista dos records do mundo batidos durante Agosto passado, e que são de molde a justificar o que atrás digo.

220 jardas — Halstead (Inglaterra), 25 s. 1/5.
800 m. — Lunn (Inglaterra), 2 m. 18 s. 1/5. Lanç. do peso — Heublein (Alemanha), 13,3^m26. Lanç. do dardo — Hargus (Alemanha), 40,2^m22.

A notar que, em competições femininas, o peso usado é de 4 quilóg. e o dardo de 600 gr. e 2,2^m20.

A acrescentemos ainda que, no Canadá, num torneio recente de apuramento, a vencedora dos 100 m. gastou no percurso 11 2/5.

O I LISBOA-SETUBAL EM ATLETISMO

Até à época presente a prática atlética legalizada resumia-se aos dois únicos centros, Lisboa e Pôrto. O esforço da constante propaganda surtiu, em 1930, os primeiros efeitos práticos, pois às Associações daquelas duas cidades vieram

DESPORTIVA

juntar-se as de Setúbal e Coimbra, que, ambas, participaram já de concursos oficiais.

Em 24 de Agosto a primeira destas entidades estreou-se em encontros representativos recebendo uma selecção de Lisboa; a equipa setubalense, constituída na sua totalidade por atletas da categoria júnior, foi, como era natural, largamente batida pelo grupo seleccionado da capital, que no entanto era a equipa B.

A diferença final cifrou-se por 48 pontos a 20, perdendo Lisboa apenas duas provas, o salto em altura e o lançamento do peso.

Os vencedores destes dois concursos, José Crugeira, do Vitória, e Júlio Luís, do Almadense, foram as duas figuras de maior valor do grupo setubalense.

São ambos atletas de futuro, da melhor classe, infelizmente desconhecendo por completo a



LISBOA-SETUBAL — António Faria, vencedor do lançamento do dardo

técnica das suas especialidades; o problema do aproveitamento das suas reais qualidades depende apenas da existência de pessoa competente que possa ensiná-los. Vivendo ambos numa cidade onde o atletismo esboça os primeiros passos, encontrarão maior dificuldade, pois treinam entregues a si próprios, na falta de um orientador.

Remediando em parte este mal, as competições no género deste Setúbal-Lisboa, pondo-os em confronto com homens mais práticos, de



LISBOA-SETUBAL — Um salto de Crugeira, vencedor da prova

feminina assenta sobre bases fisiológicas completamente diferentes das do homem, e que o canon da beleza estética da mulher não comporta desenvolvimentos musculares nem virilização de atitudes. A elegância da mulher, requerendo um equilíbrio de formas compatível com uma cultura física generalizada, não pode nunca alhear a gracilidade de formas que o desporto violento prejudica.

Por isto nos não convence o atletismo feminino, em bases de competição.



LISBOA-SETUBAL — A apresentação das duas equipas (Lisboa à esquerda)



LISBOA-SETUBAL — A chegada dos 100 m., em que J. Denis precede J. M. Santos

seniores e juniores, que serve de encerramento à época lisboeta.

Torneio de grandes dificuldades para os clubs concorrentes, não só pela complexidade do programa como também pelo adiantado da época que afastou da capital elevado número de atletas, resultou num decisivo triunfo do Sporting.

Merece reparo o grande número de provas a que o Benfica levou os seus homens a concorrer; é este o grande inconveniente dos concursos com classificação geral quando se não limita o direito de concorrência.

Cristovão Cardoso (S. L. B.) estabeleceu um record difícil de igualar; em duas tardes disputou dez das doze provas que o concurso comportava, correndo quatro vezes 80 m., três vezes 150 m., três vezes 300 m., uma vez 83 m. barreiras, saltando em altura e comprimento e lançando o disco e o dardo. Só não participou dos 1000 m. e do lançamento do peso.

Os melhores resultados registados foram entre os juniores, acusando os seniores abandono de treino, resultante natural do adiantado da época.

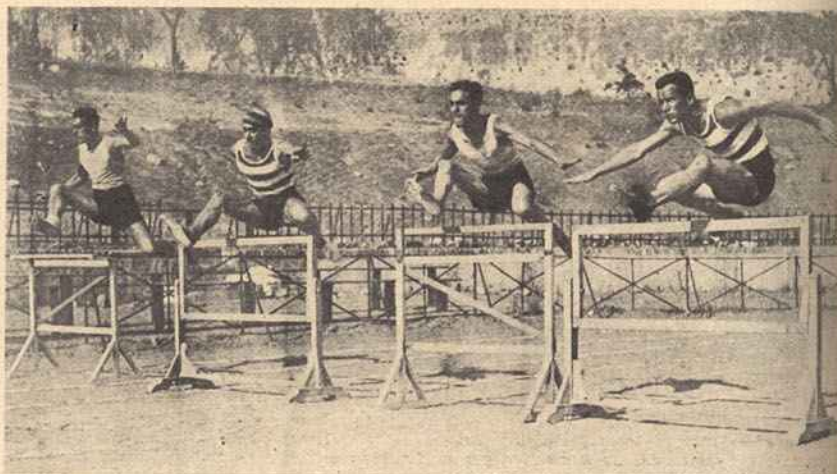
UMA TRAVESSIA DO TEJO

O Club Nacional de Nataçao, numa actividade que não desfalece, fez disputar em 31 de Agosto, entre os seus associados, a primeira Travessia do Tejo d'este ano. As provas d'este género, disputadas num percurso que tem já foros de classico, dependem, quanto aos resultados, das condições atmosféricas e da água. Favorecida desta vez por uma calma ideal, a corrida teve particular interesse, mantendo-se animada à luta durante toda a travessia.



José Caperta, vencedor da Travessia do Tejo entre sócios do C. N. N.

ganda, procurando visitas frequentes das melhores agremiações lisboetas, que por certo lhe não negarão a sua colaboração. Creio que isto será



CONCURSO DOS «BELENENSES» — Os juniores sobre a primeira barreira dos 83 m.; à direita, o vencedor, Torre do Vale

melhor técnica embora inferiores em valor, são utilísimas. Merecem-nos o mais rasgado elogio as duas Associações pela iniciativa que tomaram, menosprezando uma a certeza da derrota e a outra a facilidade do triunfo, obedecendo ambas unicamente ao melhor dos espíritos desportivos.

Esperemos que a A. S. A. e os clubs seus filiados, entre os quais o Vitória merece uma citação pelo que tem feito em prol do atletismo, continuem sem desânimo na sua obra de propa-

tanto mais fácil quanto o público local se interessa já por certames atléticos.

OS CONCURSOS DO «BELENENSES»

O C. F. «Os Belenenses» organizou este ano pela segunda vez o seu duplo concurso para

Pela terceira vez consecutiva a vitória pertenceu a José Caperta, em 43 m. 19 s. 3/5, nadador este que nos últimos anos se vem afirmando em constantes progressos e é hoje um dos nossos mais fortes especialistas.

SALAZAR CARREIRA.



CONCURSO DOS «BELENENSES» — A chegada dos 50 m., juniores, ganhos por José Carvalho num curioso estilo



CONCURSO DOS «BELENENSES» — A chegada dos 100 m., em que Pires bate de muito pouco José Maria Santos

Estados d'alma

O AMOR COMO O TEMPO

PRIMAVERA

As árvores vestem-se garridas e frescas.
Há flores por toda a parte.

Anda, vem comigo apanhar rosas. Vamos
correr por êsses campos fora.

Vamos mostrar a tôda a gente que me que-
res, que eu te quero, que vai ser tua a minha
vida!

Anda, diz-me uma e muitas vezes que me
amas, que nunca me farás chorar, que hei-de
ver sempre, em minha volta, papoilas rubras
e frescas como a minha bôca, rosas, cravos
perfumados, glicínias em flor!

Olha no céu azul como as andorinhas vôam
tontas de felicidade.

Ouve como os passaritos cantam, alegres,
contentes!

Eu também, como êles, hei-de cantar sem-
pre, sempre, uma cantiga Linda que é a minha
felicidade!

VERÃO

O sol ardente é profundo doira a terra,
queima-lhe as entranhas, aperta-a nos seus
braços de fogo, dá vida, dá alegria, o sol
bendito!

Assim, quando me olhas, os teus olhos
teem chamas, como se uma fogueira imensa
ardesse dentro do teu peito.

Labaredas de fogo saltam dos teus olhos,
as tuas mãos queimam, o teu riso é benéfico
e bom, alegre como o sol!

Na minha bôca cantam as gargalhadas
sãs.

Todo o meu sêr grita uma alegria doida de
viver!

Como a vida é boa! Como o sol, o mar e
o céu são lindos!

E como eu te quero, como eu te amo,
como eu te adoro, amor da minha vida!

TEM QUATRO ESTAÇÕES

OUTONO

A luz do sol é mais suave, nas árvores as
fóllhas entram na agonia.

Nos teus cabelos brilham fios de prata.
No ar andam preces, nos teus lábios pala-
vras de ternura.

Uma calma imensa desce sôbre a terra.
Sôbre a minha alma cai a luz suáve dos
teus olhos.

Vamos, os dois, por êsse mundo fora, espa-



lhar o bem, confortar os desgraçados, dar
ternura aos pequeninos.

É tão bom ser-se bom para tôda a gente!
Vês como esta luz faz bem às nossas almas?
Já não é a luz que queima, que nos abrasa.

É outra luz, mais doce, mais calma, sinto-me
assim mais perto de Deus.

O coração transborda de ternura. Dorme,
não te quero acordar. Vou devagarinho,
muito baixinho, dizer-te ao ouvido todo o
amor imenso que sinto por ti!

E, num recolhimento profundo, beijo-te a
alma!

INVERNO

Para o céu imenso as árvores erguem os
braços esqueléticos, ressequidos, torturados
pelos açoites do vento que os fustiga bar-
baramente.

Os meus braços erguem-se para Deus,
pedindo misericórdia.

Lá fora, a chuva cai sem cessar. Pelas mi-
nhas faces sem brilho, as lágrimas descem,
correm por um sulco profundo que outras
ali deixaram.

O frio é imenso. Os pobres enrolam-se nos
seus trapos velhinhos; em volta dos corpos
privilegiados dos ricos, as peles caras defen-
dem-nos do frio. A mim, falta-me o calor dos
teus braços e não há lume nem peles que
me aqueçam.

O céu está cinzento, triste. A minha alma
está mais escura e mais triste ainda.

Nos teus olhos há sombras, há frio, há
neve!

Deus! e as minhas rosas, os meus cravos
perfumados, as papoilas rubras e frescas
como a minha boca e que tu prometeste ter
sempre em redor de mim?

Morreram, tudo morre! Há frio, há neve
por tôda a parte.

Não! Espera! Vejo ao longe, muito ao
longe um fiozinho de sol! Amor, meu amor,
eu espero que volte a primavera!

INÊS.

DEPOSITOS À ORDEM

NIVELA-POR-MOITA CABRAL
DESENHOS DE MANUELLIMA

O velho Bernardino tinha dinheiro enterrado numa vinha de que era caseiro. Uma das cheias que entrou na aldeia de Valada, inundando a faixa dos terrenos serôdios, submergiu o vinhal e os cofres do velho. Passou horas de angústia, solicitou do patrão licença, insistiu, e foi lá numa lancha...

Bernardino era atilado, cumpridor e desconfiado de tudo quanto saísse do ramerrão da sua vida. Receber a fêria ao sábado, aviar o alfôrge e guardar o que sobrasse, bem escondido dos olhos alheios, era o seu crité-

rio financeiro. Casas bancárias, companhias, associações mutualistas, eram expressões ausentes do seu vocabulário e ideias jamais passadas no seu cérebro. Mas a inundaçào não parava, todo o campo, desde a linha férrea até ao dique era um lençol de água, perfurado aqui e ali por ramos de árvores, e o pobre campônio, aflito, resolveu confiar o seu rico dinheiro à guarda do patrão.

Viúvo havia anos, privado também pela morte, dum único filho, amealhava pelo prazer forrêta, procurando a calada da noite para meter o dinheiro nas panelas que tinha

em covas distantes umas das outras, não fôsse alguém dar com alguma... Se assim sucedesse, ficariam as outras...

Quando o patrão lhe contou o pecúlio, encontrou cédulas há muito retiradas da circulação que o velho Bernardino se resignou a perder, maldizendo as modas até usadas para com o dinheiro.

Foi de noite, que se afoitou a levar as suas economias, fruto de muitas canseiras e privações. Entrou opresso no escritório. Fora o temporal sacudia a romaria dos choupos, num rugir de tormenta. Homens de archotes acêsos rondavam, no temor de algum rombo, pondo fogachos trémulos a pirilamparem na escuridão da noite, sôbre o dique batido pela corrente do Tejo agitado...

A aldeia tinha o casario cheio de água, o trânsito era feito em lanchas, numa Veneza de tragédia. A Moita do Frade recolhia grande parte da população...

O receio duma rutura no dique aumentava na escuridão da noite bravia e roncante. As lufadas maiores do temporal o mulhierio gritava. E a noite interminável, povoada de duendes, calafriante, dava hiperrestesias de delírio na velada de pavor. Escoavam-se as horas com a lentidão do seu ritmo e pareciam enormes: esperar com ansiedade parece que dilata o tempo e tóda a gente anciava pelo romper da manhã. A luz dissipa o terror do desconhecido, força a fixar o exterior, desvia a atenção das paisagens íntimas, e as aldeias,





quando observadas em momentos de ameaça, são paúes.

—Valha-nos o Santíssimo Sacramento!
Deus nos perdoe e se lembre de nós!
—Misericórdia! Misericórdia!
Eram as vozes que se ouviam nos gritos das mulheres.

*
* *

Meses passaram. Junho chegou, sêco e luminoso, quando as últimas flores de Maio rareiam, os caules dos trigais veem a amarelejar, e as favas ceifadas vão a caminho dos calcadoiros largar a vagem, sob os pés das bestas que trotam suadas, em circo, nas horas tórridas do dia.

Uma luz intensa banha a campina plana e as searas gritam a prenhez da terra gretada no esforço da gestação magnífica. Calor e pó miúdo cai na pele dos cirantes, molhada de suor em vagas, que pega as camisas ao tronco: um lenço encarnado, caíndo em bico entre as espáduas, ata-se adiante, no triângulo da camisa desabotoada, a proteger o pescoço; o barrete de lã ou o chapeirão velho cobrem a cabeça; e a faina segue entre

poeira e sol até à tarde, à chegada do vento norte que ajuda a limpar o calcadoiro...



Foi num sábado desse mês dos santos populares que Bernardino veio, como de costume receber a soldada e o patrão lhe entregou o primeiro juro, vencido dias antes.

—Mas eu não quero tirar o meu dinheiro! atalhou o velho.

—Não, homem de Deus, o teu dinheiro está lá e podes tirá-lo; mas só quando quiseres...

Bernardino fez uma pausa, meneou a cabeça, com a fêria numa das mãos e a importância dos juros na outra.

—Ó patrão, então êles guardam-me o dinheiro e ainda por cima me pagam?!

Convencido, enfim, pela confiança que tinha no patrão, da segurança do seu dinheiro e informado das datas em que podia receber os juros, comentou com desdem:

—Os homens são mas é parvos...

E nunca mais, enquanto viveu, o Bernardino deixou, nos dias precisos do vencimento, de ir receber, gostosamente, o dinheiro dos parvos...

O PORTO ANTIGO

Em cerrado mistério jazem os primórdios da cidade invicta, pois d'elles não subsistiram, sequer, os mais ténues vestígios, capazes, mesmo ao de leve, de permitirem o bosquejo das suas características. Isso, todavia, não estorvou os cronistas dos derradeiros séculos, empolgados por uma fantasia lonceamente desgarrada, de quererem, com a testacuda firmeza da ingénua infalibilidade das convicções pessoais, fixá-los, estabelecer-lhes, de forma irrefragável e assombrosa. A certos nautas gregos, da Trácia, entregaram uns a fundação da cidade; outros atribuíram-na aos galo-celtas. Diómades, notável guerreiro de Tróia e rei da Ethólia, foi homenageado com tal honraria, que também alcançou um dúbio Gathelo, rei de Atenas e genro do rei do Egipto. Concede-a o padre bento José Pereira Novais, na *Anacrisis Historial*, ao celeberrimo Calais, filho de Bóreas e senhor soberano da Trácia, mas o catarro antiquário Cerqueira Pinto, arrojado com tão mesquinhas ascendências, declara e assegura que foi um consanguíneo de Noé o autor da notável façanha.

Não passam de ficções burlescas estas portentosas origens, até certo ponto, afinal, justificadas pela ignotia, coeva dos cronistas, das sciências históricas, donde brotou o gósto do maravilhoso então dominante, no qual sobrevivia as recordações dos tempos antigos, amalgamadas em formas lendárias, míticas, de sóla imaginativa.

Efectivamente, o primigenio povoamento do Pórtio deve ascender à era neolítica, de sobra justificado pela posição e conformação do monte

da Sé, peculiares dos castros galaicos, e pelo onomástico longevo de Pena Ventosa, denunciador dum monumento megalítico, embora estes sejam os únicos elementos probativos do asserto.

Aspérrimas e tormentosas vicissitudes, lances grandemente tumultuários, que flagelaram o povoado com a pior dureza, através das invasões dos romanos, dos bárbaros e sarracenos, explicam a míngua absoluta dos materiais bastantes para uma justa qualificação, a mais a obscuridade e as intercadências do seu viver até ao momento da investidura do conde borgonhês no condado portugalense, embora já no século XI meorando incremento patentessem as cidades de Braga, Guimarães e Coimbra.

Com a romanização volveu-se em luso-romano o velho castro galaico, em *castellum — Portugallium castrum novum*, — fronteiro à cidade de Cale, e muito valioso seria por sua posição da melhor atalhia dos vales adjacentes e da passagem do Douro frangeiro.

Depois, a quando da invasão dos bárbaros, ficou o Pórtio incorporado no domínio suevo (séc. V), do qual consta o levantamento, sob o governo de Hermenerico, dum castelo com muralhas defensivas, confundidas pela expedita insécia com as fabricadas por Afonso III de Leão, no final do século IX, e restauradas por Muninho Viegas, em princípios do XI, por Fernando Magno, cerca de 1057, e pelo conde D. Henrique, cujos restos ignaramente têm sido julgados como pertencentes às muralhas suevas.

Breve, cederam os suevos o campo aos visigó-

uticos, e estes, após duas centenas de enraizamento no solo, foram obrigados a suportar o jugo mourisco. Em tão confusos e longínquos tempos, não resta da existência do vilão do Pórtio, que devia ser mui mesquinha, a menor notícia. A reconquista cristã ou neo-gótica, porém, iniciada nas Astúrias e em setecentos por Pelayo e por Afonso III intensificada, o qual consegue amplificar para além Douro o seu domínio, auspicia a progressão do vilão no bastante para ser integrado, nos fins do século IX, no condado de Hermenegildo Guterrez, conde de Tây e do Pórtio, sendo óbvio que o rei asturiano não deixaria, atento o valor da sua posição, de reforçar com muros, aproveitando, naturalmente, os dos suevos. Pode haver-se este facto como o pródromo do célebre condado portugalense, pai do reino de Portugal.

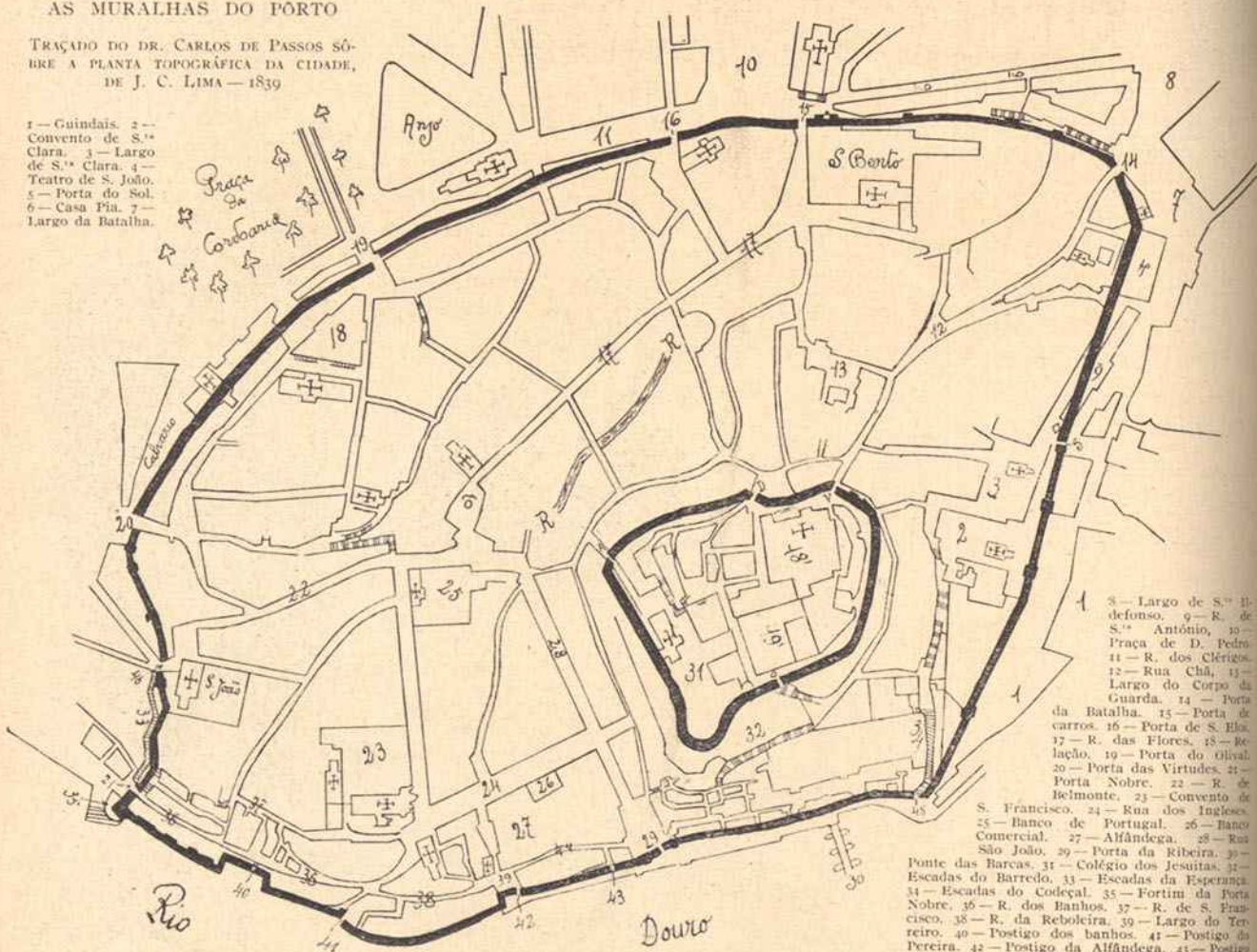
Não menos amargosa e atribulada, desde então, lhe decorreu a vida, mercê das frequentes e malélicas correrias mauritanas, das incursões devastadoras dos mouros, que não renunciavam a rehar as belas e fecundas terras de onde haviam sido expulsos e desaposados. Delas avultaram em danos e pernicias a de Abderraman, califa de Córdoba, em 920, e as do terrífico Almansor, das quais a de 997 foi espantosa e formidanda, tal o implacável exterminio com que a ferro e fogo levou os povoados até S. Tiago de Compostela. No Pórtio, consoante o expresso pelos cronistas, não ficou pedra sobre pedra, o que, aparte o exagéro literário, significa uma enorme assolação.

Transcorridos alguns anos em completo aban-

AS MURALHAS DO PÓRTIO

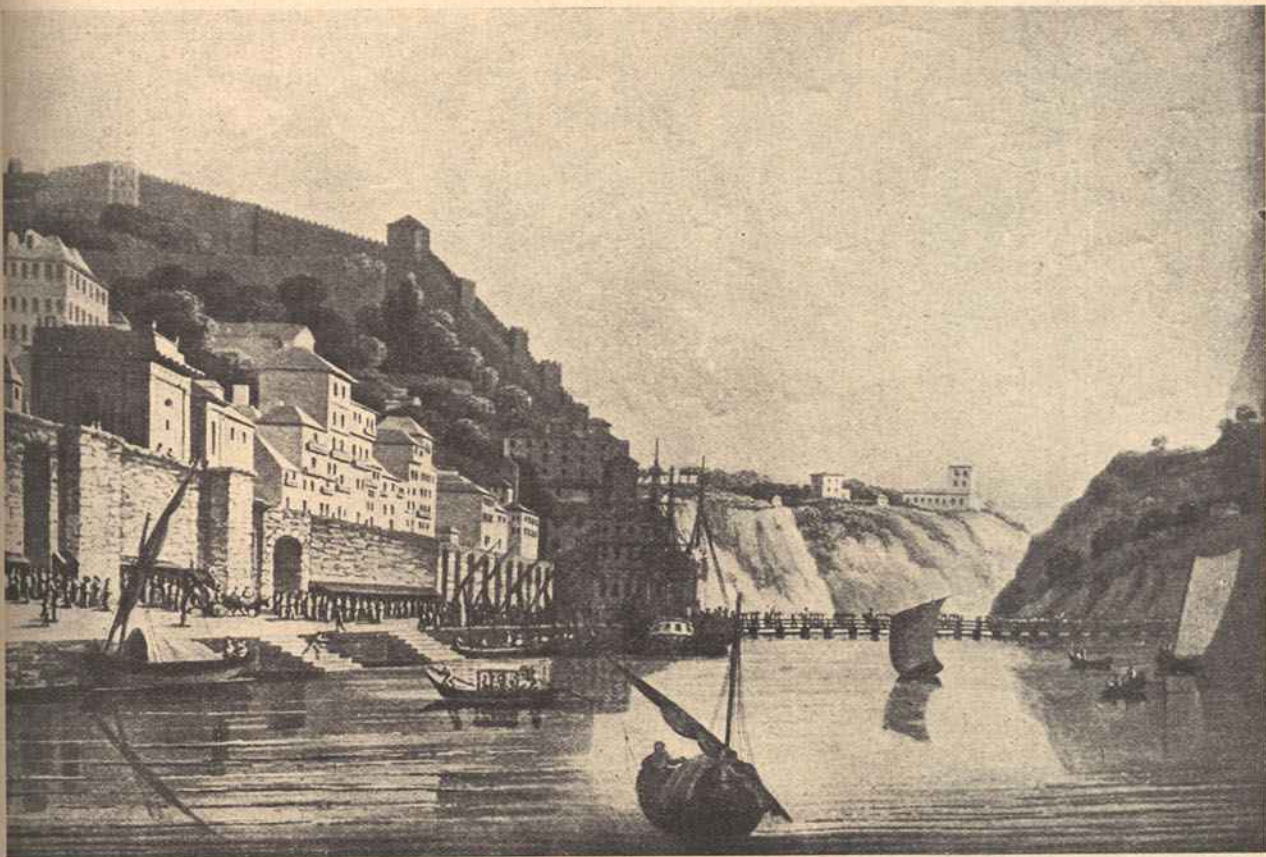
TRAÇADO DO DR. CARLOS DE PASSOS SOBRE A PLANTA TOPOGRÁFICA DA CIDADE, DE J. C. LIMA — 1839

- 1 — Guindais. 2 — Convento de S.^{ta} Clara. 3 — Largo de S.^{ta} Clara. 4 — Teatro de S. João. 5 — Porta do Sol. 6 — Casa Pia. 7 — Largo da Batalha.



- 8 — Largo de S.^{ta} Ildefonso. 9 — R. de S.^{ta} António. 10 — Praça de D. Pedro. 11 — R. dos Clérigos. 12 — Rua Chã. 13 — Largo do Corpo da Guarda. 14 — Porta da Batalha. 15 — Porta de carros. 16 — Porta de S. Elói. 17 — R. das Flores. 18 — Relação. 19 — Porta do Olival. 20 — Porta das Virtudes. 21 — Porta Nobre. 22 — R. de Belmonte. 23 — Convento de S. Francisco. 24 — Rua dos Ingleses. 25 — Banco de Portugal. 26 — Banco Commercial. 27 — Alfândega. 28 — Rua São João. 29 — Porta da Ribeira. 30 — Ponte das Barcas. 31 — Colégio dos Jesuítas. 32 — Escadas do Barredo. 33 — Escadas da Esperança. 34 — Escadas do Codeçal. 35 — Fortim da Porta Nobre. 36 — R. dos Banhos. 37 — R. de S. Francisco. 38 — R. da Rebolreira. 39 — Largo do Terreiro. 40 — Postigo dos banhos. 41 — Postigo do Pereira. 42 — Postigo da Alfândega. 43 — Postigo do Carvão. 44 — R. da Ponte Taurina. 45 — Porta Vandoma. O — Porta das Verdades.

tigo da Lada. 26 — Porta da Esperança. 27 — Chafariz. RR — Rio da Vila (R. Mousinho). A — Porta de S.^{ta} Anna. V — Porta de S. Sebastião. 18' — Sé. 19' — Paço Episcopal. 41' — Caminho de Rindocães



Muralla fernandina dos Guindais à Ribeira e Ponte das barcas — (1809)

dano, surge no Douro, nos princípios do século XI, a expedição de Muninho Viegas, filho de Egas Brotis, opulento senhor de entre Douro e Vouga (Terra de Santa Maria), que foi julgada irrisoriamente como oriunda da Gasconha francesa, a-pesar de provir das Vascóngadas, se é que, na verdade, não foi organizada no próprio território portugalense. Restaurou e repovoou o Pôrto, não se deslembrou de lhe reconstruir os muros defensivos, indispensáveis na época, de cujo facto subsiste a memória da porta de Nossa Senhora de Vandoma, imagem do culto especial de Munio Viegas, o guerreiro-chefe.

Todavia, humil e obscura, precária, renovava-se e prossegue a existência da nosa comuna, motivada, por certo, pelas lutas de conquista além-douro e pelas acometidas mouriscas e normandas, às quais não seriam alheias as obras restauradoras das muralhas, mandadas executar cêra de 1067, por Fernando Magno, de Leão.

Podê crêr-se, porém, que no final do século XI, já firmada a sua posição, liberta de receios e ameaças, haja progredido regularmente a vedra e malfortunosa pobra, porquanto nela fazem moradia o conde D. Henrique e D. Tareja. Desde tal momento se afirma a sua expansão, ademais propiciada por munificas mercês e obras dos senhores do condado, entre elas a da Sé e a do restauo das muralhas, como é de crêr lógica e plausivelmente, já pelas exigências da época e do local, já pela característica feição românica dos restos das mesmas.

Minguado era o âmbito do burgo primitivo, pois mais não ocupava que a exigua chã do cimo e as encostas altas do monte; por isso, os fogos se apinhavam ao redor do castelo, primeiro, e, depois, da catedral, ficando entre eles vagos quelhos, ruclas estreitas, de saboroso topônimo — S. Sebastião, Aldas, Açouge Real, Senhora de Agosto, Pena Ventosa, Santana, — cuja população mal contaria 4.000 almas no século XIII.

Rasgava-se em quatro portas a cinta dos muros, coroada com ameias e robustecida com torres e cubelos, que protegia o burgo de imigos acometimentos. A oriente, fronteira à chã das Eiras, alçava-se a da Senhora de Vandoma, a

principal; a de S. Sebastião, entalada entre o palácio de D. Tareja (Aljube velho) e a casa da Câmara (da qual ainda existem portas ogivais), erguia-se pouco abaixo, no mesmo rumo; virada ao norte ficava a de Santana (por Garrett celebrizada num livro encantador), e ao sul, a cavaleiro do Barredo, fincava-se a das Mentiras (depois de Nossa Senhora das Verdades). Em quasi todo o perímetro como que as cortinas de muralhas ou quadrelas se empinavam sobre as encostas, tão rudemente escarpadas eram (e ainda são). Para além dos muros estiravam-se à farta os descampados de Santo Ildefonso, Campanhã, Cedofeita e Vitória, — só em Miragaia surgindo um núcleo populacional, — cuja monotonia era quebrada de espaço a espaço por verdes laranjais, hortas, soutos e olivedos, mais tarde absorvidos pelo burgo.

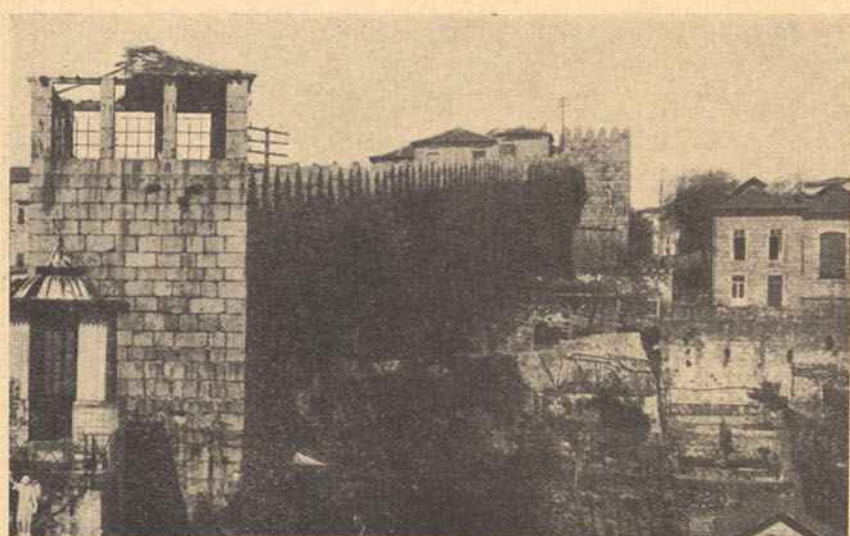
Aos serviços benéficos por D. Tareja prestados ao Pôrto um, danoso, há-de contrapôr-se-lhe, qual foi o de ter contado em 1120, alienando-o da Corôa, para oferecê-lo de mão beijada ao bispo D. Hugo, aventureiro famoso e fortunoso. Contendas graúdas, virulentas, com os senhores reis originou depois a imprecisão dos seus limites, ainda hoje mal apurados, e delas havemos notícias pelas inquirições de Afonso III e pela devassa de Afonso IV. Certificavam os bispos que se desdobrava o conto até ao ribeiro das Virtudes ou de Miragaia; não o queriam validar e reconhecer os monarcas além do chamado rio da vila, sobre o qual, em abóbadas, assentam as ruas de Mousinho da Silveira e de S. João.

Na posse do burgo, outorgou D. Hugo em 1123 aos seus moradores e vassallos a necessária carta de foral — uma das peças fundamentais para o estudo político, económico e jurídico da cidade — que, indubitavelmente, favoreceu, pelas regalias doadas e por sua hábil organização, o incremento mediévico do mesmo; disto, porém, não se deprende o não poder lograr, sob o domínio régio, iguais ou, até, maiores vantagens, demais que as patrocinariam uma vida calma, liberta de continuas e exaustivas efervescências, quite das malavenças e motinadas jorrantes da cobiça e arrogância episcopais.

Na verdade, prestadio e útil era o foral; todavia, os bispos primavam em ser despóticos e soberbos. Este feito chocava-se a medido com os sentimentos de independência e altivez dos vilãos, daí prorompendo dissensões ravenas e alevantos armados entre senhor e vassallos, entre a mitra e o burgo, dos quais os havidos em 1209, com o bispo D. Martinho, e em 1238-40, com D. Pedro Salvadores, foram os mais graves e torventos.

Com a Corôa, ávida dos fartos réditos cidadãos, também os prelados mantiveram sanhudas porfias, entretecidas de variadas peripécias e resultados incertos, às quais pôs remate a concordata estipulada entre o rei D. João I e o bispo D. João de Azambuja, embora só em 1405, no tempo do novo prelado D. Gil Alma, fôsse posta em execução. Por seu meio redimia D. João I a jurisdição do burgo a trêco do fóro anual de 3.000 libras (cêra de 172 contos da moeda presente, conforme o cálculo do ilustre historiôgrafo Dr. Damião Peres), que, no fim de contas, sempre a Corôa se esqueceu de pagar, continuando, pois, as disputas, mas, então, à boa paz, sem rumores belicosos, sem descompostos algaridos. Em 1503 foram removidas definitivamente por D. Manuel I, quer pela ordem de pagamento da dívida activa quer por precieitar novo fóro — tão moderado quanto excessivo era o anterior — e as condições do seu embôlso. Este acto foi completado em 1517 pela outorga feita ao Pôrto de novo carta foralenga, a qual se refazia muitos ordenamentos decrepitos, rançosos, e renovava outros já fossilizados simultaneamente estrangulava o espírito de independência e liberdade dos vilãos do burgo, que desde o século XII lhes dera relêvo e carácter, e reprimia o seu génio activo e valeroso, pois a mesma esbulhava-os das regalias e dos privilégios ganhos por seu amor à terra e ao trabalho, por sua fidelidade à Corôa.

Da medrança da população do burgo promanou o alongamento de seu termo, que, aos poucos, invadiu as almoínhas circumvizinhas, os campos e soutos achegados, descendo ao vale do rio da vila, às terras ribeirinhas do Douro, trepando pelas encostas da Vitória, desdobrando-se



Muralha fernandina dos Guindais

até ao campo das Hortas, hoje praça da Liberdade. Breve avisado Afonso IV da precária segurança dos novos decrescentes cidadãos, de sua fácil invasão e tomada, mandou levantar outra cinta de muros para seu capaz defendimento. Em 1336 principiaram as obras, à custa de doações do senhor rei e dos bons burgueses, a mais do cofre do concelho e do tributo da anúdua; só, no entanto, tiveram fecho à volta de 1374, sob D. Fernando, de quem houveram o chamado de fernandinos. Certo é que uns comem os fijos e que a outros rebentam os beigos.

Faziam um circuito de 3.000 metros, com a altura média de onze, e compunham-se de cantaria bem aparelhada, à românica, e levantada em duas paredes, rematada a exterior por grossas ameias triangulares, cujo adarve ou caminho de ronda o cobriam lages de granito. Tórres e cubelos, ora vasadas, ora massiças, reforçavam-nos e fortificavam-nos com rude pujança, por uns três metros sobrelevando as quadrelas ou panos amuralhados. Dêstes subsistem, quasi intactos, os de Santa Clara dos Guindais, com três tórres, e o da Cordoaria Velha, com uma torre, além de vários restos e lanços, mais ou menos alterados e mutilados, nas ruas do Calvário e da Madeira, nas escadas da Esperança e na Ribeira. Nomeados são os muros da Ribeira, cuja parte oriental está rasgada em múltiplos vãos arcados, preenchidos por diversas tendas mercantis, o que os atavia dum grande pitoresco.

Sete portas e sete postigos punham a cidade em comunicação com o exterior. Fronteira a Miragaia alteava-se a porta Nobre ou Nova, por onde os senhores bispos, reis e governadores, entravam solenemente nos seus domínios; depois, à beira-rio, surdião os postigos dos Banhos, do Pereira, do Peixe ou da Alfândega, e do Carvão, conquanto vivo este, conquanto semi-en coberto pelo atêrro do cais. Adiante, com galharda postura, mostrava-se a porta da Ribeira, que, mais tarde, viu nos seus lados, como lúgubres sentinelas, a força e o pelourinho. Daí, encaminhava-se a muralha para a penedia bruta e escarpada dos Guindais, que marinjava, deixando no fundo o postigo da Fada, para lèstamente correr pela chã até fechar a rua de Cima de Vila, onde se erguia a notável porta da Batalha, não sem antes deixar pelo postigo do Penedo, em 1768 transformado em porta do Sol, uma saída pronta pelos lados da Sé. Lançava-se depois a pino, sobre as hortas do Faval, agora estação de S. Bento, onde em 1409 foi aberto o postigo de Carros, substituído em 1521 por uma porta, fronteira à actual igreja dos Congregados. Folgadoamente cortava o campo das Hortas, na linha do presente passeio da Cardosas, e antes de galgar o monte do Olival, segundo a directriz da rua de Traz, abria-a outro postigo, de Santo Elói, chamado a partir da fundação em 1491 dèste convento e voltado para a nossa rua do Almada.

Na planura do Olival aprumava-se nfanamente a porta dèsse nome, em cuja silhueta foi cravada a lápide memorativa da eleição da Virgem Maria

como padroeira do reino. Parte de suas substrações ainda existe no sub-solo do café da Porta do Olival.

Desenrolava-se, depois, a muralha numa linha quasi recta até ao fundo da rua do Calvário, onde tinha assento a porta das Virtudes, vindo, mais tarde, na sua frente, erguer-se a Relação e servindo de divisória entre as casas daquela rua e da das Taipas. Daí, descia do seu vagar até às escadas de Nossa Senhora da Esperança, local da última porta, para, finalmente, rematar o seu comprido giro na Porta Nobre, seu ponto de partida, sobre a qual empinadamente descaía.

A sua tenaz laboriosidade, a sua energia fecunda e vigorosa, garantiam ao Pôrto um progredimento constante e seguro. Todavia, certo é que em muito o auxiliaram quer a posição ribeirinha, determinante do seu farto e activo comércio marítimo e, consequentemente, da sua prosperidade naval, quer o usufruto dos privilégios havidos por outorgas reais, compensadores da lealdade e presteza com que sempre acudia aos embarços da Coroa, assim como o abundoso povoamento de suas cercanias. Esses característicos industrial e comercial ainda hoje, com firme e luzida galhardia, os mantém a cidade; no entanto, passaram à história a opulência e a pujança da sua navegação, de há longo tempo em decadência plena por causas singulares e variadas, entre elas o desconforme acrecimento da barra, inepta, ignomiosamente abandonada.

Das regalias disfrutadas, era a da interdição de moradia no burgo aos fidalgos uma das mais notáveis e que melhor serviam a hegemonia e a medrança cidadinas, as quais, até, não podiam exceder de três dias a sua demora intra-muros. Assim, pois, constituía o Pôrto uma real comuna, um exemplar de perfeita democracia. Num país sem castas definidas, dominantes, salientava-se e impunha-se a casta popular. Por vezes, quizeram alguns senhores de linhagem violar o privilégio. Mal lhes foi, porquanto os bons burgueses defenderam-no sempre brava e corajosamente, mesmo a tróco de refregas virulentas, tal a sustida com Rúi Pereira, poderoso e arrogante castelão da Feira, que mui rija e saubosa correu e à qual o mesmo a vida furton a custo. Pois se a gente do burgo — homens bons, mercadores, armeiros, alfagemes, galeotes e outros mesteiros — não vacilava no investir com os bispos, seus senhores, porque havia de trepidar em acometer os fidalgos brigões e afrontadores de seus direitos?

Duma das provas da férvida bemquerença do Pôrto aos seus monarcas, por certo a mais relevante, do seu vivo espirito de sacrificio pela nação, grangearam os seus vizinhos a alcunha honrosa de *tripeiros*. Preparava D. João I a expedição a Ceuta; ora os bons e leais burgueses não só concorreram para a gloriosa empresa com navios, tropas e munições, pagas do seu bolso, como forneceram a armada de toda a carne que puderam obter no seu termo e concelho, guardando para o mantimento próprio a magreza dos meúdos. Tão mal-parecido apodo é, assim,

a melhor homenagem prestada ao patriotismo da cidade, a froixo e liberalmente manifesto em variados e perigosos lances da vida nacional, nunca por outra cidade igualado.

Com o foral e com as leis centralizadoras, absorventes, de D. Manuel I aos poucos se deliraram os valores particularistas e distintivos da cidade, quebrantou-se-lhe o génio cioso da independência e da liberdade, caiu em marasmo a sua idiosinrásia social, que dentre as mais terras do país primacialmente a faziam avultar. Essa decadência municipalista, comunal, sofrida, no fim de contas, por toda a nação, não lhe coarctou, porém, as pujanças comerciais e povoadoras, sempre em avantajado acrecimento, por mercê do esforço e da actividade dos bons burgueses.

Formava o Pôrto nos séculos XIV e XV uma ampla e trafegosa feira de mercadorias providas tanto dos fortes e ferazes recôncavos durienses, beirões e trasmontanos, como das terras longinquoas e curiosas da Flandres, da França, da Inglaterra e da Castela. Em câmbio das lãs e frutas, dos vinhos e conros, do sal e pescado, que lhes enviava, recebia, mórmente, os panos e tecidos ricos baptisados dos nomes dos locais originários — ipres, de Ypres, londras, de Londres, lilas, de Lille, valencianas de Valenciennes, bristóis, balencianos, segovianos.

Na rua dos Mercadores, a sede dos negócios, arrumavam-se as lojas principais; os mestres da navegação mercantil e o armadores tinham os seus escritórios estabelecidos na borda ribeirinha, da Ribeira a Miragaia. Na mesma, alongando-se por Massarelos adiante, moravam os pescadores, que na sua intrépida faina talavam os mares até à Galiza, à Bretanha, à Inglaterra. No Douro, servido por bons estaleiros, as velas e os mastros formavam como que uma sebe intrincada, confusa, tantos navios dos mais vários lotes o pejavam.

Por cima da ribada alastrava-se a vida fabril, em cujo centro o fragor de múltiplos e dissonos ruídos entontecia como trovada raiventa, visto que nas Ferrarias se alojavam os armeiros e ferreiros, os caldeireiros martelavam na rua do seu nome, na da Sapataria batiam sola os sapateiros, os serradores pisavam nos Pelames as peles cabruas, na Banharia bruniam os alfagemes suas banhas. Então, cada officio dispunha de rua própria, porque assim como os officiais e mestres de cada mister se ajuntavam em confrarias para defesa dos seus interesses, de igual modo se reuniam para trabalhar em locais certos.

Bastará expôr, como demonstração do progredimento da cidade, os seus números censuais: umas 3.000 almas no século XIII, 4.000 no seguinte, aproximadamente 12.000 em 1527, 14.580 contavam-se em 1633, regulavam 22.700 em 1732, cerca de 46.400 eram as de 1787, e de 59.300 as de 1838, em 1864, orçavam por 86.000 e por 105.000 em 1878, até que em 1898 se apuraram 138.000 e 215.000 no último recenseamento. Decerto, o médio foi lento até ao século XVIII, o que se opõe à intensa vida mercantil e industrial do velho burgo; as causas justificativas sobejam, no entanto, pois duríssimas vicissitudes o experimentaram, como experimentaram a nação, tais as lutas intestinas e peninsulares, as fomes procedentes de colheitas paupérrimas, as epidemias de peste, das quais a de 1486 obrigou ao entaipamento da rua do Olival, após isso crismada em rua das Taipas, e as sangrias da costa africana, da Índia e do Brasil, com suas guerras, navegações e colonizações. Todavia, sempre com fortaleza de ânimo empolgou o Pôrto todos os revezes e infortunidades, submeteu todas as dificuldades, até que, certo dia, não cabendo já dentro dos muros, que o premiam como couraça de anos juvenis, rompeu, rebentou por suas portas fora, distendendo-se pelas terras circundantes absorvendo as freguesias suburbanas de Miragaia, Lordelo, Foz, Cedofeita, Massarelos, Paranhos, Campanhã e Santo Ildefonso, as quais, dèste modo, ficaram integradas na cidade, compondo-lhe a área de 3.795 hectares.

É, decididamente, notável e modelar o esforço gasto pelo Pôrto para o seu engrandecimento; é, positivamente, a sua vida uma lição de energia e de consciência do próprio valor, de patriotismo, e duma finalidade nacional e social.

GRANDEZAS DE PORTUGAL

PADRÕES DE NOBREZA PADRÕES DE TRABALHO

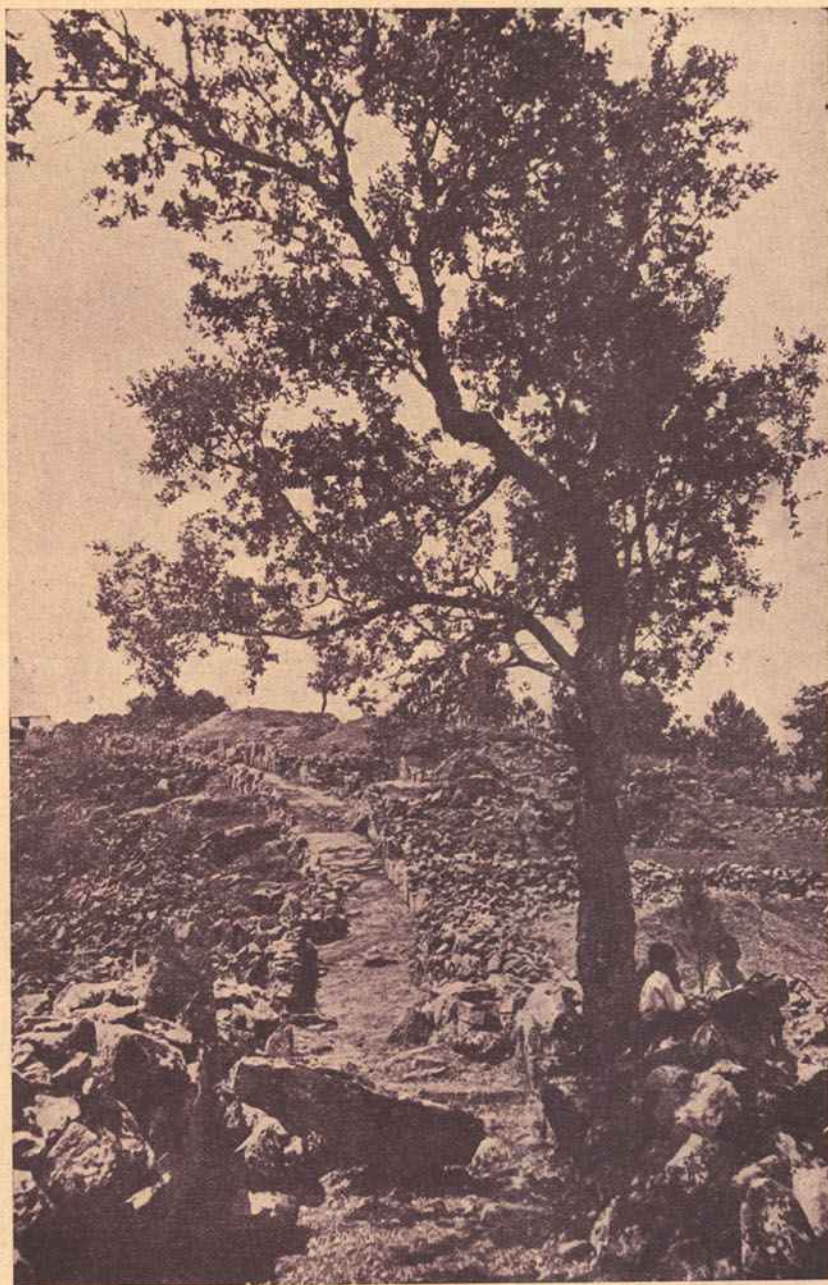
A CITÂNIA DE BRITEIROS

Novo artigo, novo capítulo sobre os valores históricos do concelho de Guimarães.

Esta nossa reportagem das Grandezas de Portugal, que, há muitos meses, caminha entre aldeias, vilas e cidades do Minho, tinha, há muito também, destinado, um dia para visitar a Citânia de Briteiros. No último domingo de Julho, uma hora depois de termos saído do Porto, paravamos diante de um caminho pedregoso, íngreme, bordado de pinheiros, que leva até à estação arqueológica que Martins Sarmento desencantou, e que, hoje, no estrangeiro, entre sábios, é citada como um dos documentos arqueológicos mais completos do mundo. A subida à Citânia tornou-se-nos difícil. Há uma estrada, antiga via de comunicação, por onde o trajecto é mais fácil mas, contudo, muito demorado. Preferimos subir o monte. Três garotos, sujos, andrajosos, vão na nossa frente, ciceronando-nos, guiando-nos por entre o tojo, as giestas e o rosmarinho que se estendem pelo monte que vamos galgando. A subida é fatigante e demorada. Passada meia hora, quando o desânimo e o cansaço comandam já os nossos passos, avistamos, finalmente, os primeiros aspectos, os primeiros documentos desta preciosidade arqueológica.

Os nossos olhos colhem um primeiro aspecto, um aspecto geral, de ruínas melancólicas. Estamos fitando um tapete de esqueletos de casas estranhas. Passamos os olhos pelo nosso livro de apontamentos, entramos em épocas remotas, entramos no segrêdo da Citânia. Fazemos a primeira paragem no século XVI, quando alguns escritores principiaram fazendo referências a estas ruínas. Mas, poucos são os esclarecimentos que temos, vindos dessa época. Só mais recentemente, começando em 1875, é que o insigne arqueólogo dr. Francisco Moraes Sarmento, com persistência de muitos anos, começa a fazer, com estudo sistemático e interpretação de povoados semelhantes a este, a verdadeira exploração da Citânia de Briteiros.

Logo à entrada desta povoação antiquíssima, desmoronada, desfeita, os nossos olhos registam a fonte — hoje, o povo, chama-lhe «fonte seca» — e a caleira que conduzia a água, as duas primeiras ilustrações destas importantes ruínas. Mais acima, entre restos de casas, entre retalhos de pedra que lembram ruas estreitas, vê-se ainda uma casa redonda com bancos de pedra no interior, a toda a volta, e com cinco divisões, o que constitui um facto excepcional, pois todas as casas constam de um recinto único, algumas vezes com um pequeno vestibulo à entrada. A



Aspecto de rua antiga e trecho de paisagem



Uma vista de conjunto de Citânia de Briteiros

nossa vista perde-se nesta montanha de pedras que, hoje, só desenham insinuações dos edifícios que outrora formaram. Entre os restos da Citânia merece ainda a nossa atenção uma casa com o sistema de construção em fiadas regulares de pedras, dispostas em hélice, sistema que os romanos classificaram de *opus reticulatum* (aparelho em forma de rede); uma outra casa contendo no interior uma cova, que devia ter sido cisterna. E, agora, os poucos metros que restam das grossas muralhas, reconstruídas por Sarmento, vendo-se no troço da segunda muralha uma porta, voltada ao poente.

Subimos para a capela, de construção recentíssima, que lembra uma pomba branca caída no topo do monte. Passamos pelo lugar da antiga ermida, que data, segundo alguns sábios arqueólogos, do século X ou XI, e onde hoje se vê um cruzeiro. Algumas campas, junto a este cruzeiro, atestam a existência de um cemitério cristão, certamente contemporâneo do pequeno templo, quando a Citânia já de há muito estava despovoada.

Sentamo-nos à sombra de um sobreiro secular. Estamos no ponto mais alto do Monte de S. Romão, a 336 metros de altitude. Os olhos vôm até muitos quilómetros de distancia. Além, muito destacada em cores, fica a Falperra. Para o nascente, estende-se



Cruzeiro indicando o sítio onde existia a primitiva capela e cemitério

um grande vale, cortado por uma tira do rio Ave. O sol tomba sobre estas ruínas onde o povo julga haver fortunas soterradas. Pas-

samos por nós, aos pares, aos grupos, peregrinos da Citânia, que apontam os restos dos edifícios, dizendo: «aqui era a capela dos moiros; aqui era o cemitério dos moiros».

Gente ingénua! Não, não foram os moiros os habitantes da Citânia. Se quisermos acreditar em alguns arqueólogos, temos que supôr que esta povoação remonta ao principio da chamada 2.^a Idade do Ferro, isto é, cerca de 2.400 anos distantes de nós. Nesses tempos bárbaros viva-se em permanente estado de guerra, o direito era sempre do mais forte; e, então, escolhiam-se naturalmente os lugares altos, difficilmente accessíveis, defendidos por longas cinturas de muralhas, das quais a Citânia conserva alguns retalhos, que nós já citámos, sob a protecção das quais resistiam tenazmente, e onde se acolhiam também as populações dispersas pelos vales, fugindo com as suas riquezas, os seus rebanhos, na frente de uma invasão inimiga ou ataque das tribus visinhas.

A que ramo pertencia o povo que habitava



Portas do antigo cemitério

a Citânia? Não estão definidas, com precisão, as características antropológicas e etnológicas dos povos que, nesses tempos distantes, habitavam a Península Hispânica, na qual está integrado o nosso actual território. Mas, seguindo autores antigos sabe-se que esses povos, de índole rebelde, resistiram sempre à influencia assimiladora dos diversos invasores, que frequentemente irromperam e se espalharam no país. Segundo está averiguado, eram agregados de familias, formando tribus sob o dominio de um chefe, integradas por homens de baixa estatura, morenos, ágeis, fortes, guerreiros e frugais, bebendo habitualmente apenas a água das fontes, dormindo no chão sobre palhas, usando os cabelos compridos. Estes homens, selvagens e belos na sua força e na simplicidade do seu viver, representam para nós, os portugueses de hoje, como que as radículas profundas do tronco étnico da nossa actual sima árvore genealógica.

O povo que habitou a Citânia occupava-se especialmente na vida pastoril, conhecia e praticava também a agricultura e dedicava-se ao exercicio das indústrias mais essenciaes à vida, como o fabrico de armas, instrumentos de trabalho, louças de barro grosseiro, tecidos, etc. A sua indumentária era constituída por uma única peça, que era um manto ou capa, confeccionada com a lã que tiravam dos rebanhos. As mulheres usa-

tam panos de cores garridas. Teciam também o linho e o esparto, bem como aplicavam em certas peças do vestuário as peles dos animais. Como adorno usavam argolas de cobre ou bronze, especialmente ao pescoço (*tosques*) e nos pulsos (*armilas*). A cabeça andava geralmente descoberta e os pés descalços. Os guerreiros usavam, por vezes, capacetes de couro, cobre ou ferro. As armas principais constavam de um pequeno escudo redondo, uma espada curta e de fôlha larga e a lança de arremêso. A alimentação d'êste povo, que adorava as batalhas, era feita da carne dos rebanhos, de caça, do leite, dos produtos da sua agricultura, e particularmente de um pão grosseiro fabricado com glandes de carvalho torradas e depois moídas. Adoptava a religião Fisíolatria, isto é, o culto dos agentes naturais, como o Sol, a Água, a Terra, etc., encarnados em deuses como Bormanico, Endovético e muitos outros de que nos chegou notícia, pelas inscrições



Ruínas de antigas casas da Citânia



Uma fonte xica à entrada da velha povoação

motivas. Praticavam também a Necrolátria, ou culto dos mortos. Adoravam deuses guerreiros, como Ares, junto dos quais sacrificavam animais e homens aprisionados em combate. Com a invasão romana começaram adoptando várias divindades e cultos de Panteão d'êste povo.

Atingimos, agora, a agonia da Citânia. Alguns distintos arqueólogos dizem que o despovoamento desta povoação começou com a invasão dos romanos que, a pouco e pouco, venceram todos êstes povos, obrigando-os a abandonar os altos e destruindo-lhes todos os meios de defesa, impondo-lhes, ao mesmo tempo, os benefícios de uma civilização florescente. A Citânia devia, pois, ser deshabitada há 1.600 anos, pois que, entre as moedas encontradas nas ruínas, appareceu, ainda, uma do imperador Constantino Magno, que reinou no começo do século IV da nossa era.

Relembrada, em síntese fugidiva, a história da Citânia, procuramos no Museu da Sociedade Martins Sarmento os objectos que foram encontrados nesta importante estação arqueológica. Muitos artigos que os povos citanienses utilizariam, constituídos por materiais como a madeira, o couro, os tecidos, etc., que o tempo destrói com rapidez, não puderam chegar até nós. Os que ficaram constituem, porém, notáveis documentos de incalculável valor arqueológico.

Primeiro, objectos de barro e vidro, em-

pletamente fragmentados, que appareceram em grande quantidade, pertencentes a vasilhas de pastas e formas diversas, tais como

fundos de ânforas, azas, etc. A ornamentação das louças, bastante caprichosa, era de uma extraordinária variedade de motivos. Surgiram também das escavações muitos fragmentos de louça — grosseiramente pintada, pertencente ao grupo da cerâmica *ibérica*, e bem assim a conhecida terra *sigilata*, cerâmica marcada, muito fina, vermelha e brilhante com ornatos geométricos ou inspirados na flora e na fauna, e que era fabricada em Itália, na Gália, etc. Nas escavações appareceu uma lâmpada (lucerna), affectando a forma das candeias que, ainda hoje, são usadas entre os camponeses do Norte.

Os objectos de vidro encontrados na Citânia tinham a cor verde-mar. Apareceram, contudo, fragmentos amarelos ou azuis-escuros, côr de rosa, roxos com raios brancos, etc. É de crer que êstes objectos em vidro, que os citanienses não sabiam fabricar, bem como as contas de colar na mesma substância, eram trazidos a estas povoações longínquas por via de comércio estrangeiro.

Chegamos aos objectos de metal. Os metais geralmente empregados na Citânia eram o ferro, o cobre e o bronze. Em ferro appareceram numerosos fragmentos, mas muito oxidados, sendo o instrumento em melhor estado de perfeição um machado de elvado. Em cobre e bronze foram encontradas imensas argolas destinadas ao enfeite corporal,



Velha rua, uma das principais de outrora



Dois casas reconstruídas por Martins Sarmento

chamadas *xorcas*, por designação genérica, que ora se usavam no pescoço, e então tinham o nome de *torques*, ora no pulso e ante-braço, pulseiras, manilhas ou braceletes, ora no braço e até nos artelhos. Apareceram também grosseiros anéis; contas de colar; longos e fortes estiletos, de cabeça esférica, que deviam ser destinados ao tocado feminino; pinças usadas para depilar e muitos outros objectos, de formas muito originais, que nos é impossível enumerar. Contudo, incluímos nesta família de objectos de metal as moedas aparecidas na Citânia, que são cerca de 30, entre grandes, médios e pequenos bronzes e algumas de prata. A moeda mais antiga que apareceu nestas ruínas é do tempo da República romana; a mais moderna, do reinado de Constantino I — princípio do século IV da era cristã.

Os citanienses, que possuíam, certamente, uma civilização muito rudimentar, nem por isso deixaram nos legar várias provas, interessantíssima da sua intuição artística nos objectos de pedra que foram encontrados. Sabiam esculpir e trabalhar a pedra, com engenhosos desenhos estilizados, especialmente para o embelezamento da entrada das suas habitações. Apareceram, como certificados desse gosto artístico, duas bases de colunas, uma pequena e grosseira estatueta feminina, de 46 centímetros de altura, um baixo relêvo com duas figuritas muito tés-cas. Entre os monumentos de carácter reli-

gioso foi encontrada a chamada «Pedra Formosa», notável exemplar, que foi transportada para o Museu de Guimarães, puxada a



Outros aspectos das ruínas da Citânia

grande número de juntas de bois, pois é um bloco granítico de um peso enorme. São imensas as opiniões sobre o uso a que se des-

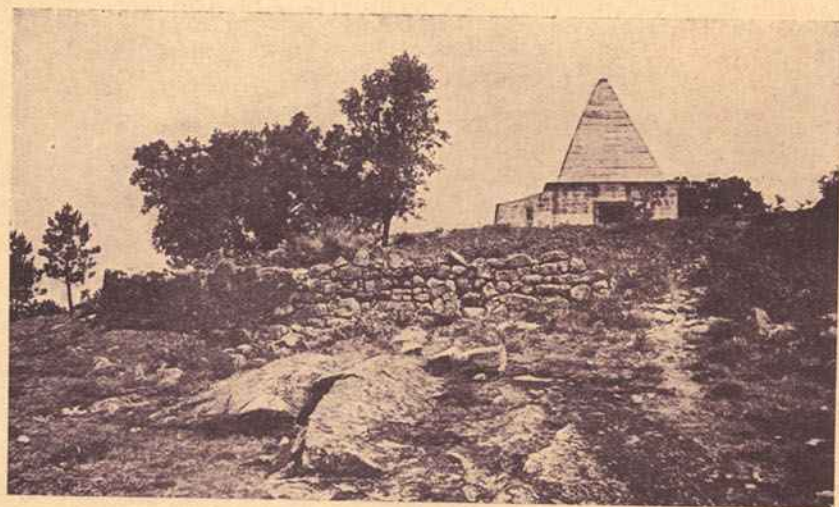
tinava este estranho monumento, profusamente ornamentado, sendo porém de aceitar, segundo as melhores autoridades no assunto, que fôsse uma pedra de sacrificios, oferendas ou libações religiosas. Encontram-se também imensas inscrições. Como é sabido, vem dos tempos remotos o uso de gravar legendas nas pedras, sendo as mais antigas as dedicadas aos mortos e às divindades. Os citanienses deixaram-nos algumas inscrições em caracteres latinos, pois já nesse tempo estava em desuso a antiga *escrita ibérica*, cujos caracteres são para nós indecifráveis. As inscrições achadas, a pesar de relativamente recentes (talvez do século I da nossa era), apresentam um acentuado carácter indígena, rude e arcaico, com suas letras grosseiras e deselegantes, e os dísticos fugindo às formas correntes que usualmente eram empregadas pelos romanos, em monumentos desta natureza. Repete-se, com bastante frequência, em várias lápides o nome celtibérico de *Camalo* que, segundo alguns historiadores, talvez fôsse o de algum chefe importante da tribo.

Este breve resumo da Citânia e dos objectos desta estação arqueológica que estão no Museu da Sociedade Martins Sarmento foi, pro-

positadamente, traçado assim para poder entrar na moldura das quatro páginas que esta revista dispõe para este assunto. Contudo, reconhecemos que em vez de um artigo, a Citânia e os seus preciosos objectos mereciam um grosso volume. Não nos é possível, por agora, levar até mais longe a nossa reportagem sobre essas notáveis ruínas que são o orgulho de Guimarães. Fechamos, porém, louvando a memória de Martins Sarmento, o sábio arqueólogo que dedicou a maior parte da sua vida a longas investigações na Citânia, desenterrando-a do esquecimento, e chamando para ela a admiração de Portugal e do mundo civilizado.

GUEDES DE AMORIM
SOUSA MARTINS.

(Fotos Alvaro Martins).



No alto da velha cidade a capela moderna e trecho de uma das muralhas

A reportagem literária e fotográfica para a secção
GRANDEZAS DE PORTUGAL
é feita em automóvel CHRYSLER
de que é representante em nosso país a firma
A. BEAUVALET
LISBOA — Rua 1.ª de Dezembro, 137
PORTO — Rua de Santa Catarina, 73

A MATERNIDADE NOS ANIMAIS



Naqueles tempos remotos em que os versos serviam para alguma coisa e tinham a sua cotação determinada, como títulos ao portador, na «bolsa» das Côrtes faustosas e dos salões aristocráticos, o poeta era quasi sempre um panegirista exaltado de testas coroadas e de nobres senhores. Era esta a função que o separava do laçao, elevando-o, por régia mercê, à condição imediata de vassalo humilde.

Graças ao seu versejar, o poeta representava na Côrte o papel de bôbo sem defeito físico—era sem dúvida o primeiro dos bôbos—e até se erigia gozoso em pedestal de grandes feitos e de pés reais, que assim chegaram à História limpos de calos, joanets e mazelas.

Acontecia às vezes que o vate não podia dar vazão, entre reis e senhores, à sua inspiração fecunda, grande parte da qual convertia por isso em matéria lírica. E era vê-lo então, faceto e lindo, a repartir feliz, entre rainhas e senhores, vilancetes, glosas e sonetos.

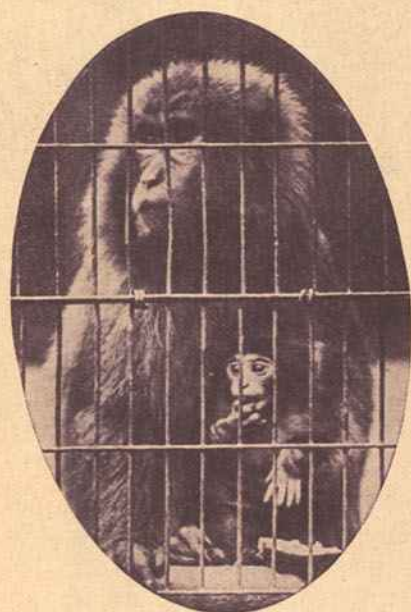
Dos reis recebia êle, em prêmio de tanta rima, concessões, benesses e leuvores. E delas—oh, delas!...—deliciosas confidências dos negócios do Estado, o arfar tímido dum seio turgente que foi sempre um enigma e tôdas essas amarguras sem fim, travo de amargo fel, que gotejam lágrimas de dôr ao longo da poética da época.

Mas isto durou até que os reis e senhores deixaram de ter façanhas para cantar, convertendo-se, com o decorrer do tempo, em

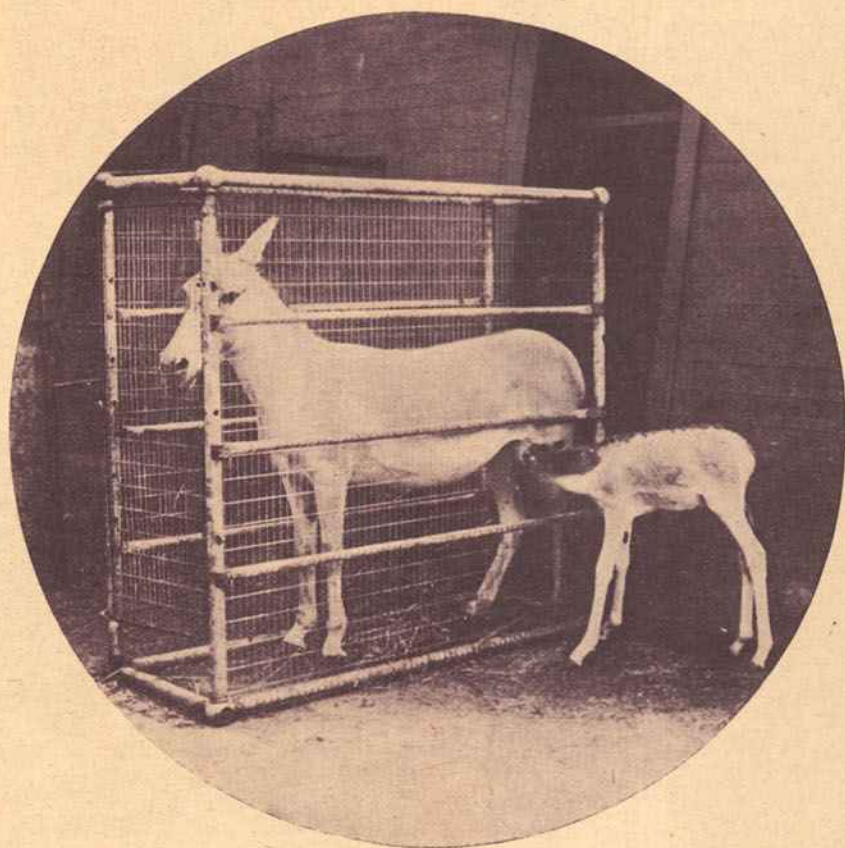
DE COMO ÊSTES SIMPATICOS BICHINHOS, DAS MAIS VARIADAS RAÇAS E CLASSES, DÃO UM MAGNIFICO EXEMPLO A MUITA MAMÃ ESTREMOSA, DIGNA DE TODO O NOSSO APREÇO E CONSIDERAÇÃO

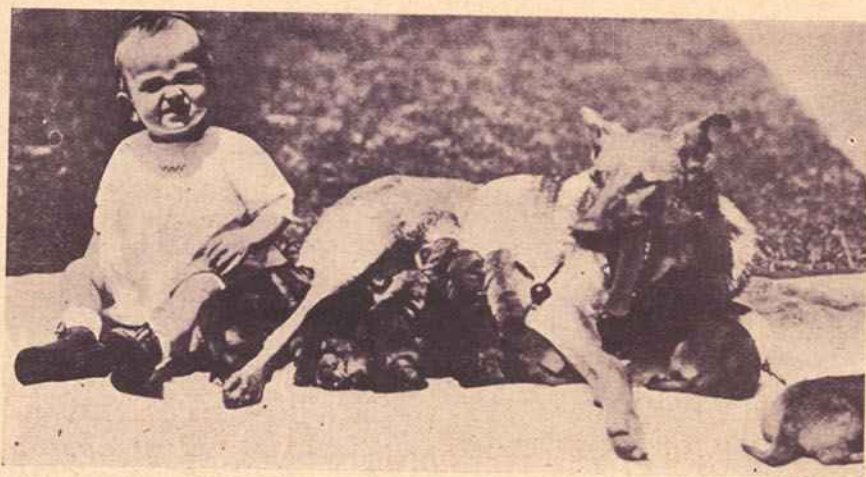
banal prosa como qualquer mortal. E até que as rainhas e senhores, cansadas de madrigais, perverteram o gosto poético no convívio de mais saborosos gostos...

Naquelas eras a humanidade só via, dos seus maiores, corôas cravejadas de diamantes e mantos aljofrados de pérolas. Hoje, depurado o entendimento e aguçada a retina, lobriga muito mais. Assiste impassível a tôdas as suas interioridades, e não é raro surpreender um rei empunhando naturalmente, sem gesto heroico definido, a calça-



deira ou o pente da caspa; e dar com alguma daquelas—que outrora foram o enlêvo da sua inspiração rendida—satisfeita e descuidada,





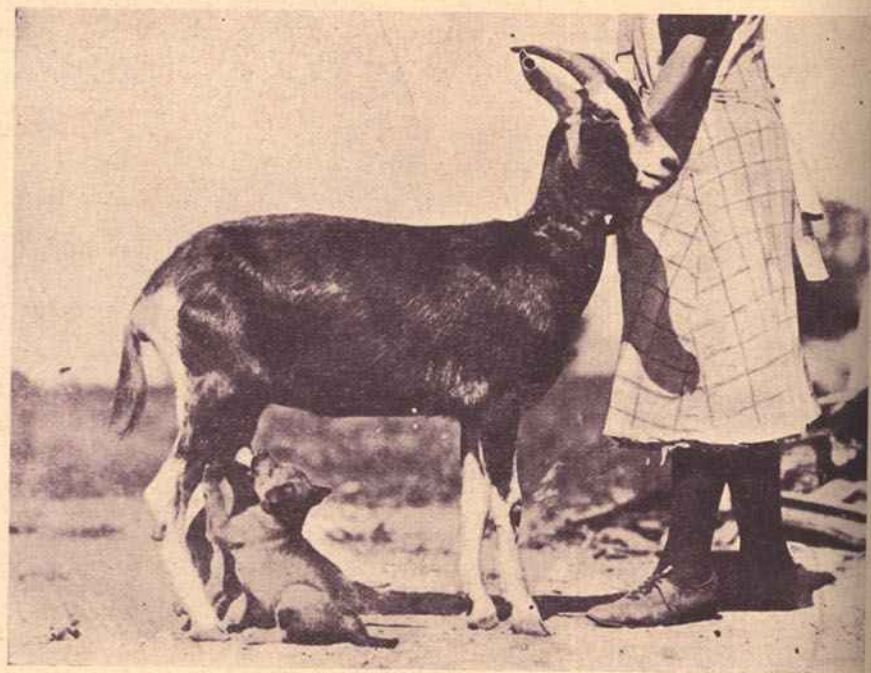
a boca torcida, piscos os olhos, dilata-las as fossas nasais entregue a funções de per si tão prosaicas que só delas pode dar fé e ma pituitaria sensível à receptibilidade de tão sagrado ministério.

Daí que o verso caísse em desuso para cantar o alheio, e o poeta caísse no uso de se cantar a si próprio. Já que os tempos de hoje não reconhecem ao verso um valor apreciável, o vate poude dar-se ao luxo de exhibir aos olhos do mundo a sua alma doentinha e alvinitente, que, de tanto sofrer, acaba amindadas vezes por aspirar à mão eburnea de certa ingénua musa já calejada nas torturas duma castidade que dura há meio século com algumas intermitências. Eis ao que chegou a poesia nos nossos dias: a compartilhar dos cuidados de São Gonçalo de Amarante!



Nos dias de folga, isto é, quando das artes e manhas de seu nobre Senhor não havia

Lá no expirar de seiscentos, quando o verso ainda circulava como moeda que tocava no coração das donas e na cabeça dos príncipes, houve em Espanha um poeta, Luís de Ulloa de nome, que foi fiel servidor e panegirista exaltado dum procer de bem triste memória: o Conde-Duque de Olivares. E de passagem se diga que não conseguiu, pese ao entusiasmo pôsto no propósito, levar à posteridade limpo de mácula o nome do ministro de Filipe IV, árdua empresa a que meteu também seu poderoso hombro artista de tão grandes méritos como o pintor Diego Velazquez da Silva. Por aqui pode avaliar-se de que força era o tal Olivares e quão implacável é, na sua justiça suprema, o tribunal da História.



a extrair uma só gôta mais de épica essência, o nosso vate entregava-se às líricas como um desalmado, e, entre outras, de mais ou menos monta, saiu-lhe esta, que vamos transcrever:

*Aquella maternidad
A que fuiste destinada,
Ni por un instante, nada
Permitió de fealdad.*

Com a qual lírica nos quis dizer Ulloa que a maternidade não desfeia ninguém. Tinha razão Luís de Ulloa. A prova temo-la nós nesta prolixa exibição de animais, das mais diversas raças e classes, dados à sagrada missão de amamentarem seus filhos. Missão já obsoleta, por sinal, no reino dos homens, (como aliás tudo o que é mais ou menos sagrado, desde a voz de Deus ao exemplo dos seus profetas) porque hoje a espécie humana, entumescida de ciência, anda um tanto empenhada em destruir a biologia—que começa a caducar, como princípio tradicional, nos seus caprichosos foros—convencida como está da falta de razão que assiste ao emérito poeta espanhol.

Com os deveres sociais dos nossos dias, que tendem a substituir a natureza pelo artifício numa guerra sem tréguas à tradição milenária, os olhos ávidos do homem exigem linhas correctas e formas que suggestionem pela harmonia ritmica dum conjunto impecável. Vem-lhe esta exigência dos direitos adquiridos na bem fundada esperança

duma futura posse, para a qual se inclina irresistivelmente o desejo da mulher que se preza de cultivar a sua hora na sociedade. Daí que o instinto da mãe, vencido pelo instinto de conservação, sofra uma grave crise em determinadas camadas sociais.

Há, por outro lado, imperativos económicos — e que influem, portanto, na prática em proporção muito inferior à daqueles cutros, de ordem puramente estética — que não podem ser conciliados com a realidade duma abundante prole e que é forçoso atender.

O certo é que a natalidade acusa uma redução considerável nos países civilizados, e maior quanto maior fôr o seu grau de civilização, motivada, como acabamos de ver, por agentes exteriores, dependentes da livre vontade do homem e que o colcam, sob as leis da moral católica, que é a dos nossos climas, em pleno estado de pecado mortal.



Vem agora o nudismo, que se propaga por esses campos e praias com manifesta exuberância, oferecendo à apetência dos nossos pobres desejos exacerbados, e nunca suficientemente satisfeitos, sugestões do melhor quilate, contribuir ainda mais para a redução da natalidade, que, mesmo sem o império do nu, já constituía uma grave preocupação para a espécie humana, que não quer, e com razão, dar por cumprida a sua missão no mundo.

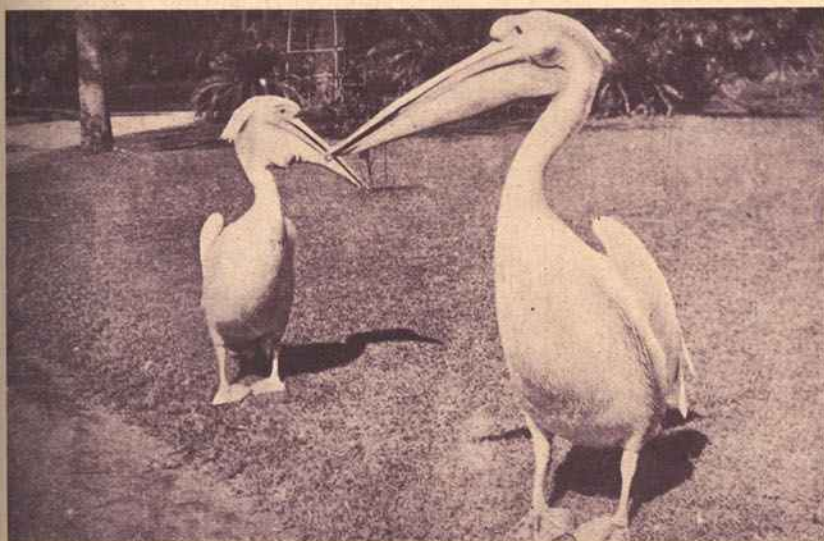
Hoje, a mulher, na loucura exhibicionista que se estende, para deleite dos nossos olhos

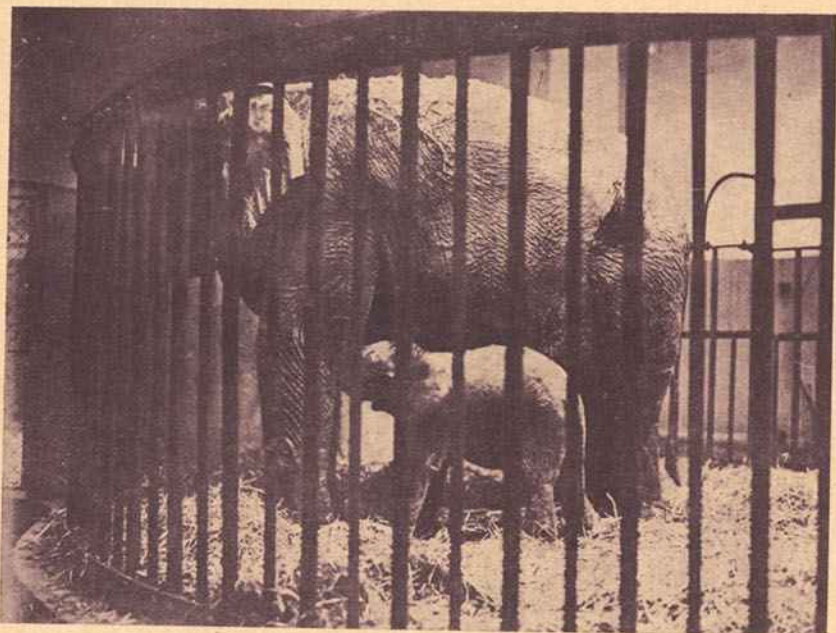
ávidos, por essas terras de Cristo, há de procurar, quanto possível, evitar a deformação das linhas sinuosas, cuja estentação ela persegue, sobre quaisquer motivos de saúde, com tenacidade verdadeiramente deliciosa.

Seria realmente desolador que os processos terapêuticos aplicados aos corpos despidos ficassem imclados à preocupação do belo, agora que as mulheres, expostas como mamã Eva aos raios benéficos do sol, não podem valer-se de faixas e espartilhos que ocultem aos olhos dos homens, sempre zelosos das leis da estética, os prenúncios da mais sagrada missão que Deus lhes confiou.

A humanidade, com a nova ditadura do nudismo, caminha, não há dúvida nenhuma na senda tortuosa do pecado mortal, contribuindo com isto para que se exgotem nos depósitos do Inferno as imensas provisões de garfos e ganchos com que o Sr. Mefistófeles costumava punir, ainda não há muito, os delitos da carne pecadora.

E vêm aqui a propósito umas breves considerações sobre a moral do nú, que tem, quanto a nós, inúmeras vantagens sobre a moral do... tapado. Dóra avante, além dos dogmas de seitas e religiões, sempre indiscutíveis, quer sejam libertárias ou por libertar, na sua mais pura essência, por falta de sólida argumentação científica, já não haverá mistérios sobre a face da terra, embora o nú venha a criar um grave problema económico, porque saem sempre mais caros os métodos para conservar os corpos do que para conservar os vestidos. Num futuro mais





ou menos próximo, já não haverá manha de mulher astuta que possa disfarçar um defeitosito físico, que até aqui só era descoberto, com grande desconsólo do detentor infeliz, no próprio leito conjugal. E como ainda há pouco se dizia: «Desconfiai da mulher calada...», dir-se há com mais exacta verdade nos belos tempos que se aproximam: «*D. s. confiai da mulher vestida!*»

Os anti-conceptivos abundam em forma tal que ameaçam destruir a humanidade e já



lhe vão ocasionando perigos bastante sérios. Vejamos, sobre assunto de tão palpitante actualidade e de tão capital importância, esta aguda observação do famoso escritor inglês Bertrand Russell, que tem dedicado ao problema da educação sexual o melhor do seu talento:

É certo que alguns factores concorrem para manter uma diferença de natalidade muito inconveniente. Por exemplo, quando o governo e a policia levantam dificuldades para que se conheçam os meios de limitar a natalidade, o resultado é que as pessoas, cuja inteligência é inferior a certo nivel, não podem adquirir aquele conhecimento, gozando-se os propósitos das autoridades com referência às outras.

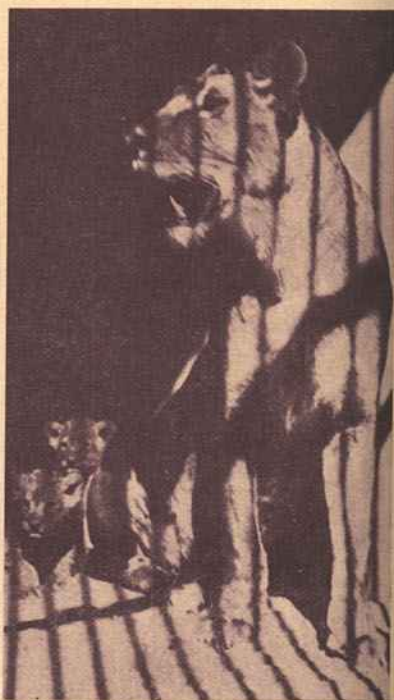
Donde se conclui que, ameaçado de obstrução total o conducto por onde chegam ao mundo os homens inteligentes, a humanidade, daqui a alguns anos, estará reduzida ao número dos brutos, e, por consequência, estancados o progresso e a civilização, cuja seiva se atribuiu sempre à inteligência humana. Terrível desígnio!

A espécie propaga-se de cada vez menos e em proporções tão assustadoras para o equilibrio dos povos que alguns países já reconheceram a necessidade de recompensar, com interessantes quantias, as mães que se distinguem pela sua fecundidade. Entendem assim que a terra precisa de braços e já que a mulher não se mostra disposta a cumprir, de *motu-próprio*, o dever patriótico de acudir às suas necessidades, a pátria amantíssima,

pela voz dos seus astutos governantes, habituados a vencer os obstáculos mais infranqueáveis por via do suborno, oferece-lhe dinheiro à laia de chamariz, causa porque, se houvesse tempo e espaço, se poderia demonstrar como a mão experimentada de certos homens de Estado exerce acção idêntica a um enérgico afrodisíaco.

Mesmo algumas das mulheres que, por engano ou descuido, se dedicam à amena tarefa da reprodução, encontram infinitos meios para se esquivarem à amamentação, cumprindo o requisito que se refere à lactação de seus filhos sem prejuizo da harmonia formal das suas massas escultóricas. Há bibeões a preceito e moçoilas bem servidas de carnes e exuberantes de fontes que dão saúde a rodos.

Eis porque estes animaisinhos, em plena posse das suas faculdades naturais, são bem



dignos da nossa admiração, e oferecem um exemplo edificante a muita mamã estremosa.

A maternidade — diz-nos o mais belo dogma do catolicismo — não destruiu a Virgindade na Santíssima Virgem. Nem permite em vós outras a fealdade — ó mamãs egoístas! — segundo a lirica adorável de Luis de Ulloa, o poeta espanhol,

*Aquella maternidad
A que fuiste destinada...*

NOVAIS TEIXEIRA.

(Fotos Orriós).

O Livro

DOR LEONIDAS ANDREIEFF

DESENHOS DE JOSÉ TAGARRO

Daí a poucos minutos, auscultava outro doente.



O escritor ia pela rua, sob a luz clara do sol, pensando nas palavras do médico. A profecia que lhe fizera de viver ainda quinze ou vinte anos era suspeita. Se ainda tivesse falado de cinco anos, bem; mas quinze ou vinte... Sem dúvida, estava às portas da morte.

Apoderou-se d'ele um medo terrível; mas o sol brilhava tão ardentemente como na juventude do mundo; a sua luz parecia rir, e o escritor sentia-se um pouco mais calmo.

II

O manuscrito era bastante grosso; tinha muitas folhas. Todas elas estavam repletas de linhas apertadas, cada uma das quais era uma partícula da alma do escritor. Com a sua mão seca, aguçada, folheava amorosamente o caderno, reflectindo-se no seu semblante a brancura do papel. Ajoelhada diante d'ele, sua mulher cobria-lhe de beijos a outra mão e chorava:

— Não chores, querida — dizia-lhe elle. — Não há motivo para chorar.

— Ficarei só no mundo... Oh, meu Deus!...

O escritor acariciou a cabeça da esposa, inclinada sobre os seus joelhos, dizendo:

— Olha!

E mostrou-lhe o manuscrito. As lágrimas não a deixavam ver bem, e as linhas, apertadas, ondulavam, quebravam-se, confundiam-se diante dos seus olhos.

gularidade, produzindo uns ruídos como soluços. Aquilo anunciava uma morte certa e muito próxima. O médico convenceu-se de que o doente estava perdido.

— Deve evitar toda a agitação. O senhor com certeza dedica-se a um trabalho muito fatigante.

— Sou escritor — respondeu o doente, esboçando um sorriso —. Doutor, isto é grave?

O médico encolheu os hombros e fez um gesto evasivo.

— É grave, como são todas as doenças, mas... quinze ou vinte anos poderão passar sem novidade. Tem bastante com isto? — gracejou.

E, respeitoso com as letras, ajudou o doente a vestir a camisa.

Quando o escritor se vestiu, seu rosto azulou-se ligeiramente, e não se sabia, ao vê-lo assim, se era novo ou velho. Na bocca o mesmo sorriso affectuoso e desconfiado.

— Obrigado pelo seu bom desejo! — disse.

Desviando, com ar confuso, os olhos do médico, começou a procurar um sitio onde deixar a importância da visita. Encontrou-o por fim, e colocou uma velha nota, de cor verde, sobre a mesa do escriptorio, entre o tinteiro e o pisa-papeis de cristal.

«Creio que já não se fabricam essas notas de três rublos», pensou o facultativo.



Andreieff é um dos mais notáveis precursors da novíssima literatura russa, que tanta influência está exercendo nos meios cultos de todo o mundo. Posterior a Tolstoi, cuja ideologia, no seu aspecto cristão e humano, foi para o insigne escritor russo como uma nova bíblia, vem ao mundo literário do seu país no momento em que a revolução começa a fazer sentir os seus prenúncios de fenómeno immediato. Assim, na obra de Andreieff, reflecte-se vivamente, com acento emotivo e às vezes trágico, todo o fragor humano que devia convulsionar o velho império dos Czares e cujos resultados ainda hoje não passaram dum enigma formidável...

Ilustração, inserindo hoje esta formosa novela do insigne escritor, presta homenagem a uma das maiores figuras literárias da Rússia contemporânea.

I

O médico apoiou o tubo do auscultador no peito do doente e applicou o ouvido: o coração, dilatado desmedidamente, batia sem re-



— Olha! — replicou êle. — Eis aqui o meu coração. Estará sempre contigo.

O moribundo esperava viver muito tempo no seu livro, mas a pobre mulher, quando o ouvia falar assim, sentia-se ainda mais desgraçada; seu pranto fêz-se mais desesperado. Ela queria um coração vivo e não um livro inanimado que todos podiam ler, os indiferentes e os desconhecidos, sem devoção e carinho.

III

Começou a imprimir-se o livro, que se intitulava: *Em defesa dos desgraçados*. O gerente da tipografia dividia o manuscrito em pequenos fragmentos, dando um a cada tipógrafo. As vezes começavam por meias palavras e não faziam sentido. Da palavra «humanidade», por exemplo, «huma», às vezes ficava num fragmento, e «nidade» no que se seguia, ia para às mãos de outro tipógrafo. Mas isso não tinha importância, porque os operários não liam nunca o que compunham.

— Diabos carreguem êste plumitivo! Que letrinha! — disse um deles, fazendo um gesto de impaciência e esfregando os olhos.

Tinha os dedos enegrecidos pelo pó do chumbo; manchas escuras de chumbo cobriam-lhe o rosto, e na saliva que cuspiam havia também chumbo.

Outro tipógrafo, novo como êle — ali não havia velhos —, pescava as letras na caixa, com uma habilidade de macaco e cantava a meia voz:

Ês tu, negro destino, desgraçado,
desgraçado e pesado como o chumbo.

Era o único trecho que sabia da canção, e repetia-o sem cessar, ao compasso duma melodia melancólica como o ruído das fôlhas no outono.

Os outros permaneciam silenciosos, tossiam, cuspiam saliva negra de chumbo. Sobre cada um deles caia uma lâmpada eléctrica; mais dentro, separadas do resto da tipografia por uma parede de rede metálica, desenhavam-se as silhuetas escuras das máquinas em repouso. Assentavam pesadamente no pavimento de asfalto e estendiam seus negros braços. Eram muitas, e a sua ener-

gia latente, a sua força parecia encher as trevas que as envolviam.

*
*
*

Os livros enchiam de tal modo, em filas multicolores, as estantes, que não se viam as paredes. Amontoavam-se no chão, em altas pilhas. Resguardavam-se da luz em dois quartos escuros detrás do armazem. Parecia palpitar silencioso o pensamento humano encerrado nêles, não reinar nunca ali a verdadeira calma.

*
*
*

Um cavalheiro de barba grisalha e nobre expressão falava respeitosamente com alguém pelo telefone, e depois de soltar um colérico: «Idiotas!», gritou:

— Michka!

Seu rosto, ao entrar Michka, perdeu por completo a expressão de nobreza. Furioso, bradou, ameaçando com o dedo:

— Ainda te fazes esperar, canalha!

O rapaz olhava-o assustado. O cavalheiro acalmou-se. Com as mãos e com os pés empurrou até ao centro da estância um pesado pacote de livros. Tentou levantá-lo, mas, não podendo com o peso, deixou-o cair.

— Leva isso a Egor Ivanovich!





O rapaz deitou as mãos ambas ao pacote e não pôde movê-lo.

—Depressa!— gritou-lhe o indivíduo.

O rapaz então fez um último esforço, levantou o pacote e saiu carregado com êle.

IV

Como tropeçasse no passeio com os transeuntes, fizeram-no sair para o meio da rua, que estava coberta de neve.

O enorme pacote pesava excessivamente sobre as suas costas, e o rapaz cambaleava. Os cocheiros de praça dirigiam-lhe insultos. Quando pensou na grande distância que ainda lhe faltava andar, assustou-se, teve medo de morrer, poisou o pacote no chão e, contemplando-o, começou a chorar.

—Porque choras?— perguntou um transeunte.

Não respondeu e continuou a chorar.

Passado um momento, tinha à sua volta um magote de gente. Um policia de aspecto severo, armado de sabre e revólver, subiu com Michka e com os livros para uma tipoia, e ordenou ao cocheiro que se dirigisse ao pósto da policia.

—Que há?— perguntou o comissário, le-

vantando os olhos do papel em que estava escrevendo.

—Uma carga pesada!— disse o policia, severamente.

E mandou avançar Michka.

O official estirou um braço e depois outro; também estirou as pernas, deixando ver umas grossas botas, e, por fim, começou a fazer perguntas ao rapaz, observando-o atentamente.

—Quem és tu? Donde és? Onde trabalhas? Que idade tens?

Michka respondeu a estas perguntas.

—Chamo-me Michka. Sou camponez. Tenho doze anos. Trabalho numa livraria.

O official aproximou-se do pacote, espreguiçando-se, e levantou-o um pouco.

—Pesa bastante, sim!— disse com ar alegre como se sentisse nisso satisfação.

Levantando uma tira do papel que envolvia o pacote, leu o titulo em voz alta:

—*Em defesa dos desgraçados.*

Fêz um sinal a Michka que se aproximasse e disse-lhe:

—Lê-me isso!

Michka olhou para o comissário e respondeu:

—Não sei ler.

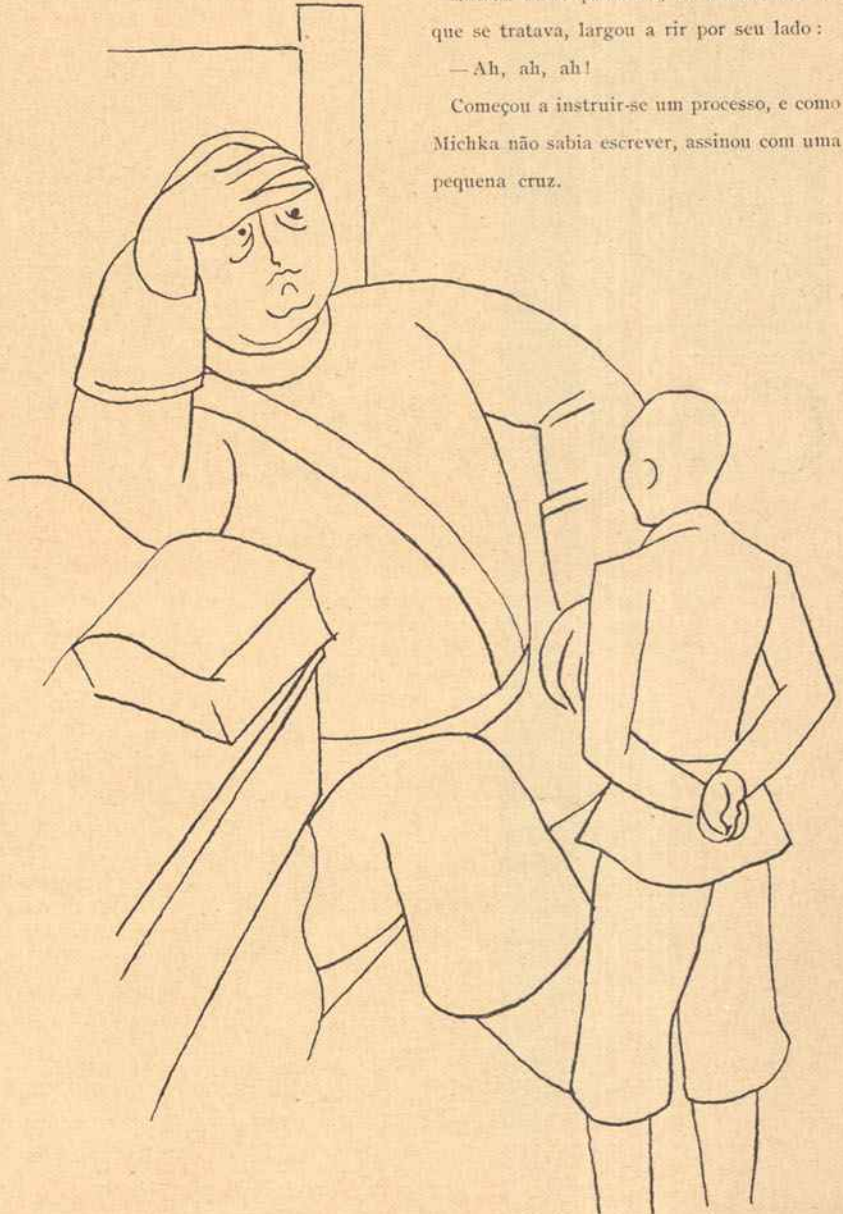
O comissário desatou a rir:

—Ah, ah, ah!

Entrou outro policia e, ao informar-se do que se tratava, largou a rir por seu lado:

—Ah, ah, ah!

Começou a instruir-se um processo, e como Michka não sabia escrever, assinou com uma pequena cruz.



O PROPHETA



■
POR
JAYME
DE
BAISEMÃO

DESENHOS
DE
STUART

CAPTIVO

Como passasse a cavalo pelo hospício e ouvisse o grito dos loucos, transpus o grande portão. Entreguei a montada; esperei, na sala das visitas, o superior: um velho amigo; um padre honestíssimo e um alienista célebre. Mas, como êle se paramentasse para a missa, enviou-me um leigo de atitude prudente e moderada, sabendo desejar eu visitar os internados e ser esclarecido sobre os seus casos. Como a missa começasse, ouvi o órgão, e, logo a seguir, uma voz dominante gritando: «Deixai-me caminhar! Deixai-me caminhar!»

O leigo, atenciosamente instruído, falou-me logo no Sete: o profeta número sete; um caso de delírio ambicioso com excitação maníaca, o qual, sob o império da psicose, apesar da sua instrução rudimentar, profetizava, quasi constantemente, essas profecias alucinadas peculiares aos paranoicos. Como êle atravessasse, nesse instante, um dos acessos intellectuais próprios aos doídos místicos, fomos vê-lo.

Percorremos um largo corredor sinistro; aclarado somente pelas rótulas gradeadas das portas, por onde, simultaneamente, à nossa passagem, várias faces assomaram. Fixei duas: uma silenciosa e cadavérica, a outra aflita, desolhada, com o cabelo intonso; e desta, da sua bôca torturada, safam queixumes semelhantes ao gemer dum cão levando um longo tempo a morrer.

«Deixai-me caminhar!» dizia o pobre Sete. Aproximei-me. Vi-o de pé na alvura das suas quatro paredes; descalço, com um lençol pendido dos ombros harmoniosos. A sua pele era citrina, as mãos longas e magras. Tinha uma sedosa barba alambreada e também finíssimos cabelos longos e ondulados. Fora internado desde a puberdade com declarada hipermnesia vesânica. Era insensível às lágrimas dos parentes, e, um dos mais antigos convulsionários da casa. Disse, numa voz sonora e mais forte, ao presentir-nos:

«Homens que ao vento atirais os remorsos

da vida!... Vós que na baixíssima Terra me quereis julgar!... Vós cuja ingratidão não sabe penetrar a essência da minha santa parábola!... Se eu quisesse, destruir-vos-ia com o poder dos eleitos de Deus!... Onde estão juizes para me julgar, eu que não sou dêste mundo?!... Vós que procurais na sombra a luz eterna!... Eu descí do Céu à Terra para fazer tremer o Universo e espalhar a igualdade por tôdas as castas, as estirpes e os officios; para vos redimir da vossa escravidão inútil!... Pelos meus turbilhões, se me não obedecerdes, farei estremeecer os auxiliares dos oceanos!... Pai Eterno: vou convencer os homens com a minha presença; imortalizar o meu nome; banir para sempre os horrores da vida!... Escutai a minha parábola; os meus sublimes sentimentos!... Escutai!... Oh! homens, deixai-me caminhar pelas vossas sendas; e, seguindo a luz da minha redenção, satisfeitos e isentos de cuidados, vós sereis ditosos!... Deixai-me caminhar... Deixai-me prégar as leis infrangíveis! A minha lei será codificada!... A minha divindade não tem arbitragem entre os homens!...»

Fugí, acompanhado pelo leigo e pelo clamar do louco: «Deixai-me caminhar!» Eu era almejante de rever o céu e as árvores tranquilas. Quis falar ao director, mas era domingo. O meu amigo oficiava. A missa, sendo soléne, não tinha ainda acabado.

Entrevi a capela enevoadada de incenso e cheia dessa paz vista durante tôda a minha vida. O órgão enchia as abóbadas de sons ecoantes. Lembrei-me da minha infância; da mesma unção das igrejas do meu rito, pelas terras do mundo de raças e linguas várias.

Um grupo de internados assistia no côro, com um guarda vigilante. Um dêles agitava o crâneo rapado à navalha e ria, olhando os três sacerdotes sob as pesadas casulas de lhama enfileirando-se para anunciar o fim da celebração. Os três dorsos bordados e curvos ascendiam para um grande Cristo cujo corpo era magro, harmonioso e pálido como o do pobre Sete. No rosto moço e belo, pelo seu fabricante ingénuo impossivelmente aviventado, havia, sob os longos cabelos dourados, a mesma expressão do encarcerado profético.

Fiquei-me ainda um instante. O mesmo louco que rira soltava então gargalhadas estríduladas, estendendo o braço para a imagem e para os officiantes.

Montei a cavalo. Como o officio terminasse



a voz timbrada dos sinos soou nos ares ; mas, profeta cativo sob o seu manto albrante, e, «Deixai-me caminhar!... Deixai-me cami- apesar dos seus sons dominantes, eu via o levava lugubrememente, nos meus ouvidos: nhar!...» — (Inédito).



Dr. Alcindo Mariano de Sousa, consul de Portugal, na Birmânia, a quem se devem os preciosos elementos gráficos e informativos deste pequeno estudo.

A Birmânia denominada pelos franceses Indo-China-Inglesa, foi anexada ao Império Britânico em 1885. Vive desde então governada como província indiana, submetida às leis promulgadas pela Assembleia constituinte de Delhi no exclusivo proveito do Império inglês e seus agentes, que são os grandes proprietários.

A capital desta província indiana é Rangoon. Ainda há bem pouco tempo, esta cidade não passava de um porto de importância para os comerciantes ingleses e para as sociedades britânicas de navegação destinadas para a exploração do arroz, madeira, prata, do estanho, petróleo e de todos os tesouros que a feracíssima região produz. Actualmente, porém, a cidade está transformada em um ponto estratégico de primeira grandeza, porque é uma base naval destinada a completar-se com a de Singapura, além de com Haifa, Bagdad e Karachi, constituindo uma das principais bases do mundo.

Rangoon vai crescendo de importância, dia a dia, e brevemente virá a ser dotada de uma estação meteorológica para satisfazer certas exigências da navegação militar e civil, assim como Quella, Peshaver, Karachi e Delhi, que são cidades propriamente de importância militar e política.

Há quarenta anos que os capitalistas ingleses, explorando deshumanamente as forças de trabalho importadas da Índia meridional, roubam à Birmânia as suas riquezas naturais.

Perto de 350.000 operários encontram-se ocupados nas plantações do arroz, nas minas, nos portos e nas regiões industriais. Os naturais da Birmânia não são admitidos nas sociedades comerciais, nas escolas e nos serviços públicos. Os grandes proprietários de terras, a burguesia comercial reclama a separação da Birmânia da Índia Inglesa. E se há tanto tempo a Inglaterra não atendeu esta pretensão birmanesa, o imperialismo britânico julga hoje indispensável a separação da Birmânia administrativa e politicamente, no intuito de isolar o movimento nacionalista da Índia e utilizar as finanças da Birmânia, das quais desviavam-se, até agora, para o tesouro da Índia, na construção de novos caminhos de ferro, auxiliares do desenvolvimento da indústria britânica.

O governo inglês estimulou na Birmânia, com fins reservados, a organização de diversas agremiações políticas, como por exemplo o «Partido Popular», a «Liga Pela Separação», a «Liga Birmânia para os Birmaneses», que exigem a separação da Birmânia da Índia, mas ao mesmo tempo, aspiram uma situação livre no seio do Império britânico, ao passo que o partido dos pequenos burgueses e dos pequenos agricultores «Baho G. C. B. A.» conselho geral das associações birmanesas, querem a independência total.

Rangoon hoje é o centro da exploração capitalista e um dos importantes portos do mundo comercial.

Um grande movimento anti-imperialista tem ido recrutando intelectuais radicais que os ingle-

O DRAMA IMPERIALISTA E A HISTÓRIA DE PORTUGAL NA BIRMÂNIA

ses desejam seduzir com promessas verdadeiramente fabulosas, para assim demorar o movimento inevitável da ignição da alma popular para as lutas da independência.

Em 15 e em 20 de Março último, o governador de Calcutá, sr. J. M. Sen Gupta, um partidário da não violência de Gandhi, pronunciou em Rangoon três discursos, chamando os birmaneses a unirem-se ao movimento da desobediência civil não violenta, o que lhe ocasionou ser detido e condenado a 10 dias de prisão. Durante o processo milhares de pessoas manifestaram-se em frente do palácio da Justiça, a polícia provocou a multidão e na colisão violenta que se seguiu, houve mortos e feridos.

Em 25 de Março, 30.000 birmaneses reunidos na praça pública protestaram contra o terror imperialista.

Em Abril recrudescceu a corrente anti-imperialista e os chefes britânicos, capciosamente, criaram uma atmosfera de tormenta, fazendo espalhar a notícia de que os bilhetes do Banco do Governo da Índia perderiam muito brevemente todo o valor com a separação da Birmânia, aconselhando ao mesmo tempo a conversão dessas notas em ouro e prata. Como consequência deste alarme registou-se imediatamente a brusca baixa do preço do arroz, o que agravou a miséria dos camponeses e deu origem ao *chômago* entre os empregados do comércio. Sobreveio uma agitação para se exigir a abolição dos impostos pessoais que se traduziu em reuniões, manifestações e colíseos com a polícia.

O tremor de terra de 5 de Maio, que destruiu a cidade de Pegú, situada a 60 milhas de Rangoon concorreu para reacender o espírito da agitação. Os nacionalistas birmaneses declararam que o governo tinha dado provas de uma grande lentidão burocrática no envio de auxílios para ajudar os sinistrados do tremor de terra, enquanto que não tinha perdido um minuto no envio de tropas para fuzilar as massas que se

manifestaram contra as deshumanidades praticadas pelo imperialismo inglês.

Nesta atmosfera de susceptibilidades perigosas os agentes imperialistas puzeram em prática o seu costumeado processo de intriga entre os *corings*, trabalhadores dos portos birmaneses, procedentes da Índia meridional, excitando-os para abandonarem o trabalho, e o resultado não se fez tardar: em 25 de Maio dezenas de barcos ficaram imobilizados no porto de Rangoon. Doutro lado, os mesmos agentes ingleses conseguiram sublevar os operários birmaneses contra os trabalhadores indianos e daí a intervenção imediata da polícia prevenida para disparar.

As massas foram-se convencendo da cilada dos agentes e numa atitude de desespero assaltaram as prisões, largando-lhes fogo, e libertaram os presos.

A política imperialista encontra-se neste quadro descritivo extensamente comentada pela imprensa imparcial da Europa. E a pesar desta corrente de opinião, ela prossegue, sem interrupção, no caminho trágico.

Recuando na História Universal 300 anos, pouco mais, encontra-se a notícia dos primeiros portugueses que desejando subir a costa oriental da Índia, topam com a faustosa corte dos Alangpaya, reis nativos da Birmânia desse tempo. Os portugueses conquistam o coração do rei de Pegú por tratados de amizade. Em seguida aparecem as companhias inglesas e holandesas, que logo desistem, mas com surpresa se verifica, passados 50 anos, que os ingleses, depois de organizarem a sua marinha, reaparecem e estabelecem uma feitoria em Sirião. Os ingleses com a perspicácia comercial de que são dotados, admiravelmente obtêm dos portugueses o consentimento exclusivo para comércio nas colônias.



Ruínas da igreja portuguesa mandada construir por Filipe de Brito (1602-1630), na Birmânia

Claro está que os portugueses daquela época, não duvidando dos mercadores ingleses, continuam como simples pioneiros da Europa no Oriente, até que ficam desapossados de tudo quanto se julgavam senhores, não pelo direito de conquista nem pelo direito de primeiro ocupante, mas tão somente pelo direito de amidade de bem servir a humanidade.

A História da Birmânia, escrita pelos ingleses, narra d'êste modo a passagem dos portugueses por essas paradisíacas regiões da Ásia Oriental.

Após o falecimento de Nando Bureng (rei dos Birmaneses), filho de Bureng, conhecido dos portugueses por «Branginoco», vários pequenos reis que estavam sob a sua suzerania, tornaram-se independentes. Nesta época, frequentemente, viam-se navios portugueses, ao longo da Costa da Birmânia, sobretudo perto de Arakan. O rei de Arakan, depois de conquistar Sirião, nas vizinhanças do reino de Pegú, julgou que não lhe seria fácil conservar a sua nova conquista, por muito tempo, sob o seu domínio, sem o auxílio dos portugueses.

Depois de longamente matutar sobre o caso, enviou a Filipe de Brito para Sirião, a fim de tomar conta da Alfândega e representar o rei junto dos portugueses ali residentes, e que não estavam sujeitos à autoridade do governador de Sirião, porque viviam sob o regime da concessão.

Filipe de Brito que fôra originariamente marítimo e tinha grangeado toda a confiança do rei de Arakan, fôra mandado com a missão diplomática de atrair a confiança e amizade dos portugueses, portanto tudo quanto elle fizesse, estava bem feito. Mas Filipe de Brito logo que tomou conta da Alfândega, para onde tinha sido mandado, tratou de planear um futuro para si. Obteve a permissão para construir um edificio sólido para a Alfândega e ao mesmo tempo construiu um forte, como protecção para o edificio da mesma Alfândega. Depois, induziu um official português, chamado Salvador Ribeiro, para expulsar o governador de Sirião, e, tendo conseguido isto, assumiu o governo.

Mais tarde partiu para Goa, a fim de entrevistar o Vice-Rei da Índia e oferecer oportunamente à Corôa portuguesa o novo dominio.

Durante a sua ausência, encarregou Salvador Ribeiro do governo. Mas o governador expulso obteve bastantes forças do seu rei, e cercou Sirião, durante 8 meses. Ribeiro defendeu-se valentemente, até que chegaram os contingentes de Goa e os sitiados retiraram-se.

Filipe de Brito voltou da Índia com o título de Capitão General, já a esse tempo casado com a sobrinha do Vice-Rei, e aproveitando-se da propaganda favorável que Salvador Ribeiro fizera do novo Capitão General, aceitou em nome do rei de Portugal a corôa do rei de Pegú que os nativos lhe ofereceram.

Filipe de Brito para garantir a tranquillidade do seu reino, reforçou as fortificações e erigiu uma igreja pelo ano de 1602-1603.

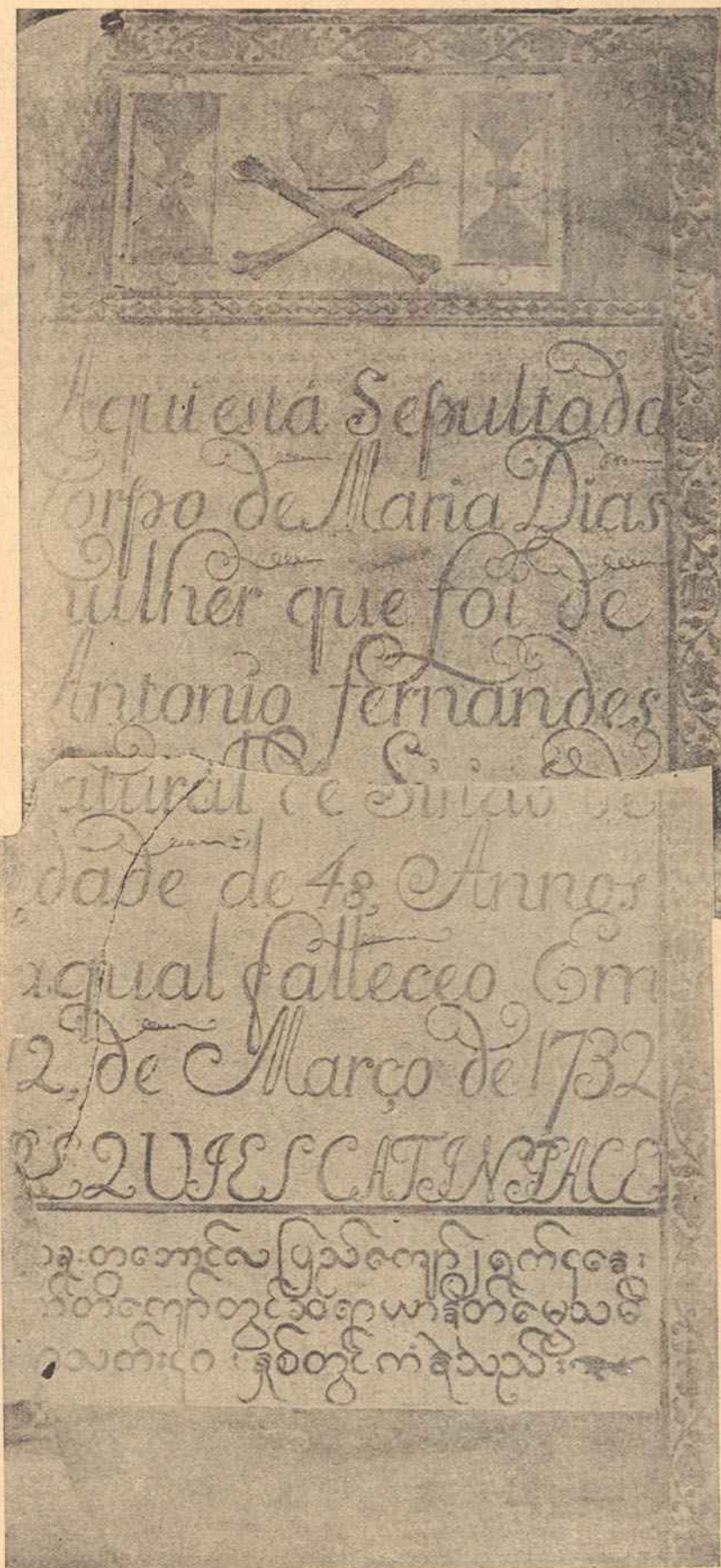
A igreja, actualmente, encontra-se em ruínas, existindo dela, apenas algumas paredes e uma lápide partida em metades, contendo uma inscrição funerária datada de 12 de Março de 1732.

A História de Portugal, de Rocha Martins, falando do governo da Índia (Aires de Saldanha 1600-1603), refere-se em primeiro lugar ao heróico feito de André Furtado de Mendonça, que expulsou os holandeses de Ambrino. Depois exalta o valoroso padre Góis e, por fim, põe em leveido relevo a pessoa de Salvador Ribeiro de Sousa e a sua acção no Pegú (Birmânia). Refere-se a Filipe de Brito Nicote, sobrinho de Jean Nicot, embaixador da França em Portugal (homem que introduziu o uso do tabaco no seu país, servindo o seu nome de étimo para o termo nicotina) e que chegou a ser coroado rei de Pegú, para ser vencido em 1613 pelo rei de Ová.

Lisboa, 930.

R. M.

A DIREITA — Lápide funerária, partida em metades, que se encontra na igreja portuguesa de Birmânia, hoje em ruínas





Passatempo

O VOO DAS AVES

(Problema)

Tanto podem ser pombos como corvos, como quaisquer outros voláteis. São dez aves que vão voando. Neste momento, a sua po-



sição é tal que facilmente se distinguem no grupo três linhas de quatro aves cada uma: duas diagonais e a horizontal da parte inferior.

Poderia fazer-se com que, em lugar de três, fôsem cinco as linhas de quatro aves, e isto, mudando de lugar duas aves apenas?...

— —

A QUESTÃO PRINCIPAL

—Então, minha senhora, o que diz ao meu artigo sôbre o seu debute no último concerto de caridade?

—Que hei-de dizer? Estou simplesmente indignada!

—Mas porquê! Elogiei extraordinariamente o seu talento, a sua voz.

—Sim, é verdade... mas da minha elegante *toilette* não disse nem palavra!

— —

ONDE EUCLIDES SE ENGANAVA

O grave director do colégio estava dando lição a um grupo de rapazes, de seus sete a oito anos, e o assunto de que se tratava era Euclides.

Não tendo, por várias vezes, conseguido que os alunos lhe dissessem a definição de linhas paralelas, desenhou duas linhas na parede.

—Vamos lá a ver, meninos — disse o director. Desenhei duas linhas paralelas na parede. Poderão encontrar-se alguma vez?

—Sim, senhor, respondeu um petiz.

—Quando?

—Se os senhor as desenhar tudo em volta da aula.

A EXPLICAÇÃO

A patroa:— Como se explica, Brisida, que tôdas as vezes que eu entro na cosinha, a encontro a lêr?

A criada:— Creio que será devido aos sapatos de sola de borracha que a senhora traz.

— —

PREGUNTA MALDOSA

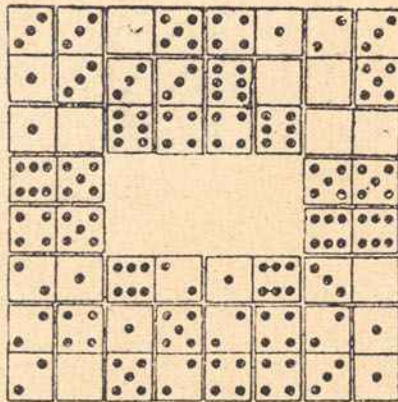
Teodolinda:— Não acha que as mulheres faladoras são as mais apreciadas?

Eusébio:— Então, que outras espécies há?

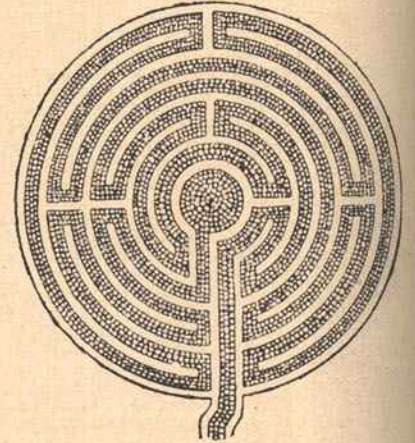
— —

O DOMINÓ MATEMÁTICO

(Solução)



Além desta o problema tem muitas outras soluções diversas.



— —

O PERIGO

1.º Banqueiro:— Oh! que demônio! Parece-me que deixei um masso de notas esta manhã no meu automóvel quando vim para cá.

2.º Banqueiro:— Então, isso que tem? O seu *chauffeur* não é de confiança?

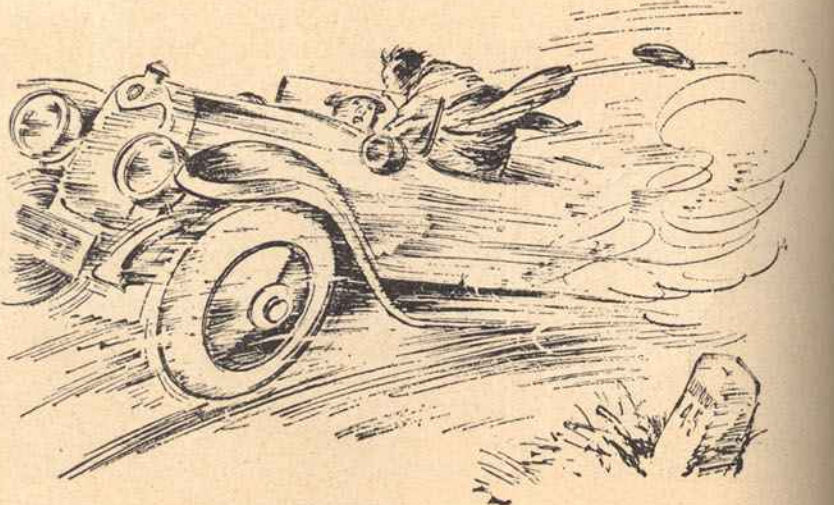
1.º Banqueiro:— É; mas pode ser que minha mulher as encontre.

— —

NAO ESTAVA EM CASA

A visita:— Tem absoluta certeza que a sua senhora não está em casa?

A criada:— Tenho. Eu era despedida, se não tivesse.



— Olhe que atropelámos um homem. Você não pára?

— Não, deixe lá. Logo sabemos tudo pelos jornais, depois.

CUENCA

Observada da planura, vê-se galgar a encosta até ao mais alto do Castelo, parecendo que as casas estão umas sobre as outras, algumas de onze andares, sendo o último ao nível de outras ruas.

JÚLIO CEJADOR.

As famosas casas penduradas de Cuenca parecem qualquer coisa de milagroso, quando, na verdade, são filhas de uma lógica inegável.

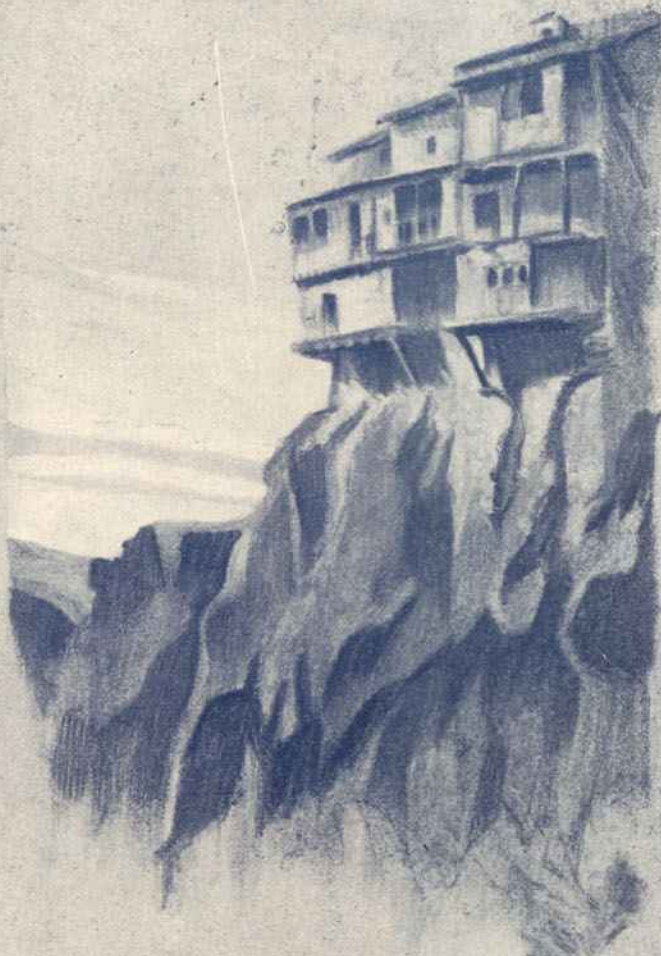
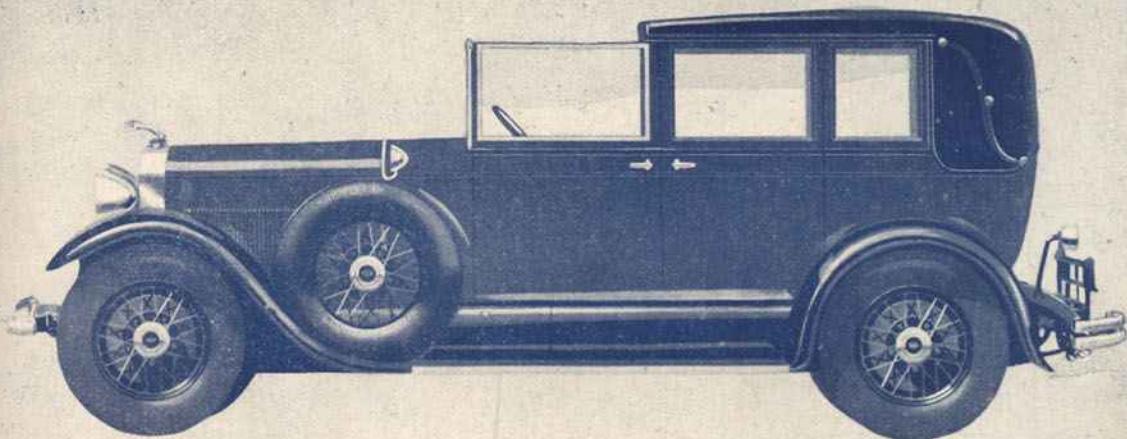
O aspecto maravilhoso do Lincoln, assombra pela sua estética e pela sua elegância; mas a sua linha impecável não é nenhum milagre, mas sim a consequência de uma construção estudada e meticulosa.

Só assim se podia conseguir o carro que fôsse o símbolo de riqueza, bom tom e cosmopolitismo.

LINCOLN

Ford
COCHES Y
CAMIONES
Fordson
TRACTORES

Ford Motor Iberica
BARCELONA



Zu verwenden nach dem Gargoyle Wegweiser

GARGOYLE
Eingetragene Schutzmarke

Mobiloil
Eingetragene Schutzmarke

A
(mittelschwer)

Deutsche Vacuum Oil Aktiengesellschaft
Hamburg

704

GARGOYLE
Eingetragene Schutzmarke

DEUTSCHE VACUUM OIL
AKTIENGESELLSCHAFT

Mobiloil
Zu verwenden nach dem Gargoyle Wegweiser

IA-14632

Duas vezes a volta ao mundo em 69 dias e 68 noites.

Uma das mais interessantes provas que no ano passado se realizaram sobre o famoso Autódromo de Avus, próximo de Berlim, foi o percurso feito por um automóvel CHRYSLER 65, que durante 69 dias e 68 noites andou, sem parar, 86.000 quilómetros.

Na lubrificação do motor deste carro — que esteve trabalhando continuamente durante mais de 1.600 horas! — empregou-se exclusivamente MOBIL OIL. Não podia haver dúvida sobre a escolha do lubrificante para se estabelecer este record sem precedente.

VACUUM OIL COMPANY